

Pastores e Desastres

Manual de Capacitação em Redução e Gestão de Riscos de Desastres
Dirigido para Comunidades da
Comunhão Anglicana e Agencias de
serviço e Diaconia.

**Episcopal
Relief & Development**
Healing a hurting world

em colaboração com



Pastores e Desastres: Manual de Ferramentas para a Redução e Gestão dos Riscos de Desastre com base na comunidade para os membros e associados da Comunidade Anglicana de ajuda e desenvolvimento.

Uma iniciativa da Episcopal Relief & Development com:

Diocese Anglicana de Colombo, Sri Lanka
Igreja Anglicana de Burundi
Episcopal Anglicana Diocese de El Salvador
Diocese Anglicana de Niassa, Moçambique
Igreja da Província de Mianmar
Igreja Anglicana da Melanésia
Igreja Episcopal do Sudão do Sul e Sudão
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
Anglican Board of Mission, Austrália
Fundação Amity, China
Anglican Alliance, Reino Unido

© Copyright 2017 Episcopal Relief & Development. Todos os direitos reservados.
Será dada a permissão para imprimir, reproduzir e distribuir este material aos indivíduos e as organizações que queiram usá-lo para envolver outras pessoas com o trabalho e a missão da Episcopal Relief & Development na cura de um mundo ferido.

Episcopal Relief & Development se satisfaz em compartilhar o Manual de ferramentas pastores e desastres, um guia de recursos e livro de ferramentas práticas, criado para ajudar a melhorar nossos esforços, a fim de responder de forma mais eficaz às gravidades crescentes e frequência nos desastres, especialmente no contexto de igrejas e organizações Anglicanas ou Episcopais locais.

A Comunhão Anglicana e suas igrejas membro estão presentes em 165 países e contam com a adesão de 85 milhões de pessoas em seis continentes. Onde quer que estejam presentes, as igrejas reagem aos desastres antes, durante e muito depois. Oferecem não só o conforto espiritual e solidariedade, assim como também sustentabilidade e responsabilidade em qualquer resposta, inclusive quando as suas próprias comunidades e estruturas são afetadas. Estando o mundo a testemunhar e experimentar o aumento com frequência da intensidade de desastres naturais e causados pelos homens, agências internacionais humanitárias como a Episcopal Relief & Development, tem visto um crescimento na generosidade de parceiros locais para servir e acompanhar na recuperação de comunidades afetadas.

Episcopal Relief & Development trabalha principalmente em parceria com igrejas e organizações anglicanas locais. Doze representantes dos parceiros se reuniram conosco em 2010 uma revisão integral das nossas respostas de emergência confirmou que, em quase todos os casos, as igrejas em áreas afetadas responderam espontaneamente, de forma rápida e instintivamente. Também confirmamos que muitos desastres ocorrem com regularidade. Algumas áreas estão expostas à seca; outras sofrem com as inundações anuais devido aos tufões e monções. Nesses lugares, há muito a ser feito para preparar e atenuar o impacto desses acontecimentos inevitáveis. A análise revelou oportunidades específicas para que as igrejas utilizem suas experiências e formalizem boas práticas que sejam coerentes com as normas internacionais. Assim, nossas igrejas podem elevar sua capacidade em servir às comunidades de forma mais eficaz e aproveitar as novas parcerias e os recursos.

Convocamos um Grupo Global de Trabalho em Redução de Riscos e Gestão de Desastres para que colaborasse na criação dessas ferramentas. Doze representantes dos sócios se reuniram conosco da Austrália, Brasil, China, El Salvador, Moçambique, Mianmar, Ilhas Salomão, Sul do Sudão, Sri Lanka, Reino Unido e os Estados Unidos da América. Estamos imensamente gratos pelas suas contribuições e generosidade.

Por mais de 2 anos, o grupo de trabalho adaptou, desenvolveu e testou em campo, as ferramentas que são fáceis de usar, e podem ser utilizadas em contextos de baixa e alta capacidade. As ferramentas são especialmente adaptadas ao contexto Anglicano, e são projectadas para aproveitar nossos activos e recursos, técnicos e estruturais existentes, aumentando assim a conscientização das redes disponíveis e melhorando os mecanismos de controle, ampliando e aumentando a capacidade local. Baseamos-nos em uma grande variedade de materiais já existentes, que são identificados como referências.

O Manual Pastores e Desastres é uma ferramenta de livre acesso, que permite ser utilizado por qualquer pessoa interessada em equipar as organizações de serviços para se prepararem, moderarem e responderem aos desastres de forma eficiente e eficaz.

Convidamos você a compartilhar esses recursos, assim como seus comentários e experiências conosco.

Kirsten Laursen Muth, Diretora Principal
Programas Internacionais
Episcopal Relief & Development

Nagulan Nesiah, Superintendente-Geral Interino de Programas
Coordenação Internacional de Respostas de Emergências
Episcopal Relief & Development

Como Usar O Manual De Ferramentas

O Manual está dividido em 6 seções:

Perspectivas Teológicas Anglicanas

Termos e Definições

Competências Centrais

O conteúdo técnico do Manual de Ferramentas é dividido em quatro Competências Centrais. Habilidades, conhecimentos e know-how representados nessas quatro competências demonstram uma capacidade avançada em Gestão e Redução de Riscos de Desastres atingirem fluência nessas quatro principais competências, demonstra fluência na Redução de Riscos de Desastres:

- **Mobilização Comunitária**
- **Avaliação de Riscos**
- **Implementação da Redução do Risco de Desastres (RRD)**
- **Respostas aos Desastres**

Planilha de Avaliação da Capacidade

Oito Normas estabelecem áreas temáticas específicas dentro das quatro competências. Cada padrão tem três níveis: **iniciante**, **intermediário e avançado** - desenvolvido com o objetivo de que o usuário alcance a etapa mais avançada de cada padrão, utilizando esse Manual de Ferramentas.

Ferramentas

Cada uma das 24 Ferramentas oferece ideias, instruções, guias e informações para Redução de Riscos de Desastres.

Casos de Estudos

Referências

Índice

Seção 1	Reflexões Teológicas Anglicanas	1.0
	Diocese Episcopal Anglicana de El Salvador	1.1
	Diocese de Colombo, Igreja de Ceilão, Sri Lanka	1.2
	Igreja Anglicana de Burundi	1.4
Seção 2	Termos e Definições	2.0
Seção 3	Competências Principais	3.0
	Competência Principal 1: Mobilização Comunitária	3.1
	Competência Principal 2: Resposta a Desastres	3.2
	Competência Principal 3: Implementação da Redução de Riscos de Desastres	3.4
	Competência Principal 4: Respostas a Desastres	3.5
Seção 4	Planilha de Avaliação da Capacidade	4.0
Seção 5	Ferramentas	5.0
	Ferramenta 1: Servindo à comunidade em general	5.1
	Ferramenta 2: Oficina para a comunidade ou Líderes das Paróquias	5.3
	Ferramenta 3: Oficina para Líderes das igrejas	5.5
	Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê	5.7
	Ferramenta 5: Desenvolvimento de um Plano de Trabalho do Comitê	5.9
	Ferramenta 6: Descrição do cargo de Coordenador de Desastres	5.11
	Ferramenta 7: Exercícios Básicos de mapeamento	5.13
	Ferramenta 8: Exercícios Amplos de mapeamento	5.17
	Ferramenta 9: Priorizar as atividades	5.21
	Ferramenta 10: Sistema de Alerta Prévio	5.25
	Ferramenta 11: Sistema de Comunicação	5.27
	Ferramenta 12: Centros de Evacuação	5.29
	Ferramenta 13: Simulacros com a Comunidade	5.31
	Ferramenta 14: Kits de Preparação para uso doméstico	5.33
	Ferramenta 15: Gestão de Voluntários	5.35
	Ferramenta 16: Programação de Redução de Riscos	5.37
	Ferramenta 17: Indicadores de RRD	5.39
	Ferramenta 18: Formato de Evaluación de Alivio	5.41
	Ferramenta 19: Formato de Evaluación de Recuperación	5.43
	Ferramenta 20: Principios Centrales	5.47
	Ferramenta 21: Hojas Temáticas de Consejos	5.49
	Ferramenta 22: Reducción de Riesgos en Socorro y Recuperación de Desastres	5.53
	Ferramenta 23: Política de Personal de Servicio	5.55
	Ferramenta 24: Reconocer y Manejar el Estrés	5.57
Seção 6	Estudios de caso	6.0
	Fuentes	

SEÇÃO 1:

Reflexões Teológicas Anglicanas

Uma reflexão teológica sobre a Gestão de Riscos



“Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha.”

Mateus 7:24

A Bíblia é o livro sagrado que nos inspira a interpretar os acontecimentos que afetam nossas vidas. A Bíblia não é um livro científico, senão um guia para nossa compreensão de que Deus é o mestre da vida. É por isso que nós, como igrejas, não apenas nos fortalecemos diante a leitura da Palavra de Deus, assim como nos sentimos chamados a aplicar seus ensinamentos em nossas vidas diárias, e a oferecer as orientações científicas para a reflexão.

Isso traz à mente as leis primárias e secundárias da ecologia: tudo está relacionado com os demais, e tudo vai para algum lugar. Trata-se de princípios estabelecidos com base no seguinte:

Sabemos que, por um lado, devemos estar atentos para pesquisar e se preparar com antecedência para lidar com qualquer tipo de desastre; organizamos para que possamos lidar de forma adequada com os recursos disponíveis e criar recursos extras - para não apenas defender a vida, assim como para nos tornarmos mais criativo conosco mesmos.

Se entendermos as leis da ecologia, tudo está relacionado à vida e aos recursos renováveis na terra. Do ponto de vista bíblico, o que nos pedem como igrejas, é levar a cabo um ministério diaconal, para que possamos ser exemplo de serviço para atender às necessidades humanas e oferecer recursos para os cientistas realizem mais pesquisas de alta qualidade.

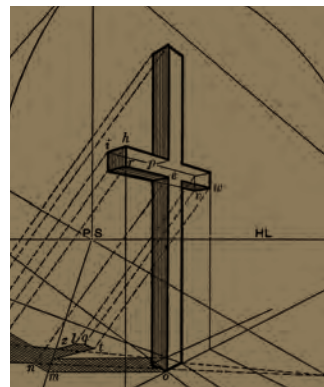
Como igrejas devemos nos preparar para responder e evitar desastres naturais. Noé é um exemplo desta preparação. Noé é uma pessoa de relevância da era antiga e atual, principalmente agora, com a ameaça da mudança climática às criações de Deus.

Com relação aos textos bíblicos de Lucas e Mateus: este explica como devemos nos preparar e como devemos servir como um bom diácono na gestão de riscos. Entratanto, também faria referência à Noé na Gênesis, capítulo 6, versículos 9-22. Aqui nos é dado claros exemplos de como devemos nos preparar para responder às diversas catástrofes, criando condições dentro da comunidade, e na preparação de todos os recursos disponíveis para traçar um plano de mitigação na redução de riscos. Estamos seguros que vamos receber a grande bênção de Deus.

Rt. Rev. Martin Barahona

Bispo, Diocese Episcopal Anglicana de El Salvador

Una reflexión teológica sobre a Gestão de Riscos



Pessoas de todas as comunidades em todos os povos enfrentam desastres ao longo dos tempos. Quando olhamos de forma retrospectiva a história do mundo, podemos identificar muitos desses desastres desde os tempos imemoriais. Com o enorme desenvolvimento da comunicação de massa no século 20, as cenas de desastres, mesmo nos lugares mais remotos mundo, são instantaneamente transmitidas atualmente para as casas das pessoas.

Os seres humanos têm tentado lidar com várias formas de desastres, quando são confrontados com tais situações. O instinto em fornecer alguma assistência imediata é uma reação espontânea. Apenas há tempo para se dedicar à avaliação das necessidades reais das vítimas. Tudo que está disponível é dado para ajudá-los. Daqui, alguns fazem um esforço de ajuda e reabilitação muito mais organizado, seguido pelo desenvolvimento e trabalho de defesa.

Esse tipo de resposta organizada requer um planejamento cuidadoso, a avaliação das necessidades reais, tendo em conta a capacidade na prestação de assistência. Se as comunidades estão previamente equipadas, e os sistemas são adequados. Então, todo trabalho humanitário realizado será de qualidade, e preservará a dignidade das vítimas.

Normalmente, as respostas humanitárias aos desastres são emocionais, se as comunidades não estão preparadas no alívio e gestão de desastres. Respostas emocionais irão apenas ajudar uma parte das necessidades imediatas, mas não vão ajudar as pessoas a transformar suas vidas e comunidades.

Quando as ondas do tsunami atingiram a Ásia em 26 de Dezembro de 2004, cerca de 40.000 vidas foram perdidas no meu país, isso somente no Sri Lanka. Era um caos para todos os lados. Muitas pessoas perderam suas vidas, seus pertences e propriedades. A infraestrutura foi destruída. Muitos locais de cultos religiosos abriram suas portas para as pessoas deslocadas internamente. Houve um ocasião, eu me lembro, quando os moradores, de uma cidade próximo à Colombo, doaram cestas de comidas para alimentar os desalojados, em 26 de Dezembro, mas foi muita comida. Os organizadores levaram os mantimentos de comida em excesso para outra cidade situada a 30 quilômetros de distância, onde havia outro grupo de desalojados. Depois de alimentar os desalojados internos dessa cidade, também houve excesso de comida e enterraram a comida. Sri Lanka também perdeu uma oportunidade de ouro para reconstruir o país. Se tivesse havido um planejamento estratégico e coordenado, não há dúvida de que o país teria sido reconstruído o mais rápido e melhor possível.

Que lições podemos tirar dessa reflexão mencionada acima, para o futuro no que concerne às respostas ao desastre?

O livro de Neemias remete para a reconstrução dos muros de Jerusalém depois de ter sido destruído pelo inimigo. As pessoas também foram levadas para o cativeiro. Essas pessoas perderam sua dignidade.

Neemias foi um dos capturados. Depois de algum tempo, Neemias tinha o desejo de reconstruir Jerusalém. Informou ao rei de sua intenção. O rei deu seu consentimento, assim como assistência material. No entanto, Neemias se deu conta de que o maior trunfo que tinha naquela tarefa, era a dos recursos humanos, e sem as pessoas a reconstrução era impossível.

Deuteronômio 32: 9 diz: “Porque a porção do Senhor é seu povo”. Os participantes em respostas a desastres, assistência, reabilitação, desenvolvimento e defesa, normalmente se dividem em duas categorias. Há os doadores e os donatários. Geralmente, existem mais donatários que doadores. Se transformamos os donatários em colegas de trabalho, logo há um aumento nos recursos humanos. Quando isso acontece, os donatários não permanecem como observadores, mas como participantes ativos. A disparidade entre o doador e donatário se reduz. Os donatários em seguida, desempenham um papel importante na reconstrução de suas próprias vidas, comunidades e nações.

Um jogador, de futebol em uma escola, representou o país em um torneio juvenil. Tinha excelentes habilidades para fazer passes com a bola e marcar gols. Os outros membros da sua equipe dependiam muito desse jogador e estavam acostumados a passar-lhe a bola, esperando que vencesse as partidas para a equipe o tempo todo. Quando os adversários perceberam que os membros da equipe estavam fazendo, eles marcaram este jogador com dois ou três dos seus próprios jogadores. O resultado foi óbvio; ele não podia ganhar as partidas sozinho. Depois de alguns jogos, o treinador percebeu o que estava acontecendo, e se concentrou também em melhorar as competências dos outros jogadores. Isso trouxe dividendos. Delegação significa compartilhar as responsabilidades e ao preparar as pessoas, essas são objetivos fundamentais para alcançar objetivos e ideais.

Um dia, Jetro, sogro de Moisés, visitou Moisés. Jetro observou Moisés, de uma certa distância, aconselhando as pessoas, desde de manhã até à tarde. O povo estava esperando sua vez para compartilhar seus problemas. Jetro percebeu que tanto Moisés quanto o povo ficariam desgastados em breve, e aconselhou Moisés a nomear líderes de pequenos grupos e capacitá-los para ouvir os casos. Além disso, aconselhou Moisés a ouvir apenas os casos que os outros não podiam lidar (Êxodo 18). Houve reconhecimento e empoderamento das pessoas. Eram encarregados com responsabilidades para que fossem eficientes e fizessem uma diferença.

A história do Bom Samaritano nos desafia a transcender no credo e etnia na resposta ao desastre e trabalho humanitário (Lucas 10: 25-37). Thasinthan, jovem de 17 anos de idade, de Shanthapuram de Wannu no norte de Sri Lanka perdeu ambos os pais durante as etapas finais da guerra no norte de Sri Lanka. Thasinthan ficou sob os cuidados de uma tia que o ajudou, enquanto tentava reconstruir sua vida e a de seus três irmãos mais novos. Thasinthan não conseguiu a aprovação no exame escolar público em 2010 na primeira vez. Assistia às aulas de dia para tentar a prova de novo. Ele também gostava de jogar críquete e jogava-o depois da escola. Estava determinado a superar as experiências traumáticas que lhe foram submetidas, assim como aos seus irmãos. Os membros do Conselho de Responsabilidades Sociais da Diocese de Colombo conhecem esse jovem, quando eles se engajaram em um Levantamento de Necessidades de Avaliação, para identificar as pessoas nas quais poderiam realizar um programa de ajuda de assistência para subsistência dos deslocados internos.

Este rapaz pediu ajuda para comprar alguns equipamentos para o cultivo da terra. Não se considerou que aquele jovem de 17 anos, fosse um receptor adequado, assim como não preenchia os critérios de seleção. Mas a comunidade insistiu e, portanto, foi incluído como beneficiário em circunstâncias especiais. Sua tia pediu um empréstimo e comprou um pequeno lote de terra para colocar um abrigo para este menino, para ajudá-lo a cultivar a terra. O jovem cultivou a terra e com os ganhos começou, pouco a pouco a pagar os empréstimo, suas despesas e também ajudou seus irmãos. Uma comunidade solidária pode capacitar pessoas para se erguerem com seus próprios pés, com respeito a si mesmo e dignidade, e também para contribuir no bem-estar dos outros.

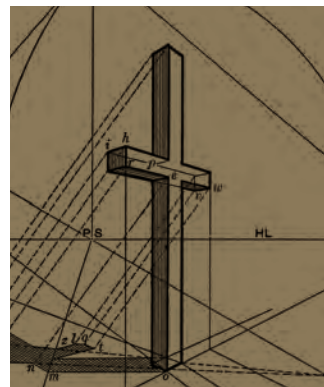
Neemias confiava nas pessoas. Moisés escutou seu sogro Jetro que tinha uma convicção religiosa diferente. A comunidade apoiou Thasinthan, e ele por sua vez foi capaz de sustentar sua família. Nas sociedades multireligiosas, os cristãos devem ter a humildade para trabalhar com religiões irmãs, com pessoas sem fé e aprender com suas experiências ou textos sagrados. O objetivo primário da resposta ao desastre é transformar os indivíduos e comunidades.

Rev. Dr. Jayasiri T. Peiris

Ex-presidente, Conselho de Responsabilidade Social

Ex-secretário geral, Conselho Nacional Cristiano de Sri Lanka

Uma reflexão teológica sobre a Preparação aos Desastres



“Os sete anos de fartura que prevaleceram na terra do Egito chegou ao seu fim; e os sete anos de fome começaram a chegar, como José havia dito. Havia fome em todos os países, mas em toda a terra do Egito havia pão.” (Gênesis 41:53-54)

Após a criação do céu e da terra e de todas as criaturas, incluindo o ser humano, Deus disse que era bom e seu amor continuou a se estender à Sua criação na medida em que Ele prometeu com o sinal do arco-íris que Ele nunca iria destruir o que havia criado por águas (Gênesis 9: 12-13).

A missão dada por Deus aos seres humanos era para ter domínio para manter a harmonia dentro da ordem criada.

Deus tem sido fiel às Suas promessas, mas os seres humanos não têm mantido essas promessas e não têm sido capazes de seguir o que Deus pediu, cuide de toda a criação como bons administradores. Graças a Deus que Ele continuou amando e cuidando de Adão (Gênesis 3: 9) - e de nós!

A preparação para desastres é um ideal para todos que amam ao Senhor e Sua criação, e é importante que as pessoas de Deus - a Igreja de Cristo - tenha em conta que é nossa responsabilidade em manter esse relacionamento com Deus Criador e tomar cuidado com o que tenho criado.

Esta reflexão teológica tirada da Gênesis 41: 25-28 mostra, portanto, como nosso Criador, Deus, nosso Salvador, é amor:

1. Deus demonstra seu amor para com a criação:

Deus manifestou seu amor e carinho, ao avisar ao Faraó através de um sonho para que salvasse o Egito, e todos os países vizinhos da fome. Este desastre poderia ter acontecido sem aviso prévio, mas o amor de Deus inspirou o sonho, não para qualquer pessoa, mas o Faraó, que tinha o poder e a capacidade de agir.

2. O Faraó demonstra responsabilidade:

O Faraó responde persistindo em descobrir o significado do sonho (Gênesis 41: 25-31), e ao eleger José para se tornar o administrador do projeto RRD para o povo egípcio (Gênesis 41: 40-44).

3. José mostra um bom exemplo:

José tornou-se uma figura importante, não apenas em ser um bom gestor, mas também por ser um exemplo muito bom em demonstrar mostrar amor, perdão e reconciliação aos seus irmãos, que o haviam vendido quando disse: *“Venha para perto de mim ... Eu sou seu irmão, José, a quem venderam ao Egito. E, agora não se angustiem, ou fiquem com raiva de si mesmos ... porque Deus me enviou diante de vós para preservar a vida”* (Gênesis 45: 4-5).

O papel atual da Igreja, a fim de cuidar da criação de Deus - a humanidade - como José disse:

- Orar por e para receber a inspiração de Deus para que as pessoas que estejam na posição de



tomar ações possam entender o que Deus quer que eles façam.

- Aceitar a responsabilidade para ser os mensageiros/embaixadores da comunidade, para responder aos riscos e desastres, no momento certo, e da maneira correta.
- Construir resistência diante do fortalecimento da governança, a responsabilidade e parceria.
- Estar preparado para o desastre (antes, durante e depois) e demonstrar o nosso amor, como Deus fez e continua a fazendo.
- Incluir todos para contribuir com a sustentabilidade no meio ambiente.

Há apenas um instrumento para sustentar a criação de Deus - a humanidade. Aumentar a consciência de todos requer uma liderança moral. E, essa é missão da Igreja, juntamente com outras organizações interessadas, por exemplo, as Nações Unidas. A Comunhão Anglicana deve colaborar com outras agências com sólido conhecimento e experiência para impactar os membros da igreja, diversos níveis de governo e comunidades empresariais, para que tomem medidas. **Agora é a hora.**

Reverendíssimo Bernard Ntahoturi

Arcebispo, Igreja Anglicana de Burundi

SEÇÃO 2:

Termos e Definições

CAPACIDADES: os recursos e habilidades que as pessoas possuem, podem ser desenvolvidas, acumuladas, utilizadas e acessadas. Isso lhes permite lidar com os riscos de desastres naturais e ter mais controle sobre como construir seu próprio futuro.

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA: capacidade de envolver a comunidade e os líderes da igreja em todas as fases da programação.

COMPETÊNCIAS: habilidades de fazer algo com sucesso ou de forma eficiente.

DESASTRE: situações em que o perigo afeta as pessoas que estão em uma situação vulnerável, e que são incapazes de lidar com o impacto de risco.

GESTÃO DE DESASTRE: todos os aspectos na preparação e resposta aos desastres, incluindo o antes, o durante e o depois do incidente de risco.

PREPARAÇÃO PARA DESASTRES: Preparar, prever e reagir ao impacto esperado de um perigo.

RESPOSTA A DESASTRES: a capacidade de ter métodos disponíveis para proporcionar alívio em curto prazo, e ajudar a suprir as necessidades de recuperação e reabilitação, incluindo as atividades na redução de riscos.

RISCO DE DESASTRES: potenciais perdas através de desastres com relação à vida, saúde, os meios de vida e os bens e serviços, o que poderia ocorrer em uma comunidade se um perigo acontecesse.

REDUÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES: a prática em reduzir os riscos de desastre através de uma análise contínua e gestão dos fatores que podem causar um desastre. Por exemplo, reduzir a exposição aos riscos, diminuindo a vulnerabilidade das pessoas e propriedade, realizando uma gestão segura da terra e do ambiente e melhorando a prevenção.

PLANO PARA A REDUÇÃO DE RISCOS E DESASTRES: programa de atividades que fazem bom uso dos ativos existentes e reduzem os riscos com resultados, cronograma e orçamento.

SISTEMA DE ALERTA PRÉVIO: sistema necessário para gerar e distribuir a informação de advertência em caso de perigo para ajudar os indivíduos, comunidades e organizações para se preparar e agir adequadamente a tempo, para reduzir os danos ou prejuízos.

PERIGO: evento, objeto natural ou situação, que tem o potencial de causar danos ou prejuízos à infraestrutura e aos serviços, pessoas, e suas propriedade e ambiente.

MITIGAÇÃO: diminuir, reduzir ou evitar os impactos nocivos de um desastre de várias formas, como o plantio de árvores e a construção ou melhora de abrigos, aterros, drenagens, canais, etc.

MONITORAMENTO: o processo de verificação dos programas e planos de trabalho com regularidade para assegurar que estão ajudando a alcançar os objetivos.

Preparação: atividades projetadas pela comunidade para fazer frente, absorver e recuperar-se de um desastre.

PREVENÇÃO: ver Mitigação.

PROTEÇÃO: atividades destinadas para proteger as pessoas, indivíduos e os grupos, durante desastres e garantir a igualdade de acesso aos serviços e recursos.

RECUPERAÇÃO: recuperação e melhoria das instalações, meios e condições de vida de comunidades afetadas por desastre, projetado para reduzir os riscos de desastres e aplicar o conceito "construir melhor" para ajudar a comunidade a lidar melhor com todos os desastres futuros.

RESILIÊNCIA: a capacidade de uma comunidade ou uma sociedade exposta aos perigos de resistir, absorver, adaptar-se e recuperar dos efeitos de um perigo de uma maneira oportuna e eficiente.

AVALIAÇÃO DE RISCO: a capacidade de analisar que os riscos representam uma ameaça à comunidade, prestando atenção às vulnerabilidades e capacidades

RISCO: probabilidade de que consequências negativas surjam quando os perigos interagem com áreas vulneráveis, pessoas, propriedades e ambiente. Ver também Risco de Desastres.

PADRÃO: nível de qualidade.

PARTES INTERESSADAS: indivíduos ou grupos que são afetados ou envolvidos diretamente em uma atividade.

FERRAMENTA: formato, instrumento ou instrução utilizado na realização de uma determinada tarefa.

VULNERABILIDADE: o estado que reduz a capacidade de uma comunidade para se preparar e lidar com o impacto de riscos devido à sua economia, social, física ou situação geográfica.

Referências: Abarquez I e Murshed Z (2004). *Field Practitioner's Handbook*, Asian Disaster Preparedness Center.

Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Reducing Risk of Disaster in Our Communities*, Tearfund.

SEÇÃO 3:

Competências Centrais

Gestão e Redução de Riscos de Desastres

O conteúdo técnico do Manual de Ferramentas é dividido em quatro tópicos ou temas, que chamamos de “Competências Centrais”. Acreditamos que a habilidade, o conhecimento e *know-how* representados nessas quatro competências demonstram capacidade avançada na Redução e Gestão do Risco de Desastres, com base em nossa experiência e piloto de teste com as igrejas e agências da igreja.



COMPETÊNCIA CENTRAL 1: Mobilização Comunitária

Competência 1 consiste na capacidade de estabelecer comitês de desastres que representam a diversidade da comunidade. Os membros do Comitê são treinados na preparação, mitigação e resposta aos desastres.

Mobilização Comunitária é a capacidade de trabalhar com líderes comunitários e religiosos, em todas as fases da programação. Com uma presença enraizada, a Igreja Anglicana reconhece o valor dos grupos comunitários para a gestão do seu próprio desenvolvimento. A participação ativa dos membros da comunidade no planejamento é um aspecto fundamental da igreja local.

Todas as atividades são concebidas, implementadas, monitoradas e avaliadas tendo a representação da comunidade em mente. As experiências, necessidades, funções, capacidades, benefícios e encargos de mulheres e homens, meninas e meninos, ricos e pobres, anglicanos e não-anglicanos, jovens e idosos são levados em consideração durante o processo de organização. Esta competência se cumpre, ainda que se reconheça que existem vários níveis de acesso e controle sobre os recursos, e que o trabalho, os benefícios e as consequências podem variar amplamente entre diferentes tipos de pessoas. Cooperação comunitária garante que as pessoas tenham uma verdadeira participação nas decisões que irão afetá-las.

Os organizadores da comunidade da igreja asseguram ampla consulta com todos os setores da população, reduzindo, assim, a dependência das estruturas tradicionais de poder da elite.

Acreditamos que todos têm algo a oferecer. Incluindo os grupos mais vulneráveis que podem contribuir significativamente, através da troca de ideias e conhecimentos, assim como fornecendo mão de obra qualificada e/ou não qualificada e matérias primas.

COMPETÊNCIA CENTRAL 2: Avaliação de Risco

Competência 2 é a capacidade dos líderes de completar e supervisionar um plano de avaliação de risco. A avaliação de riscos leva em consideração as vulnerabilidades, habilidades, conhecimentos e recursos disponíveis dentro e fora da comunidade. Como no caso da primeira competência, vários de membros da comunidade estão envolvidos: líderes civis, assim como mulheres, idosos, pessoas com deficiência, crianças e outros grupos marginalizados.

1. PERIGOS OU AMEAÇAS Uma avaliação de risco determina quais são os perigos ou ameaças prováveis que ocorrem na comunidade. Tendo em conta as vulnerabilidades, habilidades, conhecimentos e recursos disponíveis dentro e fora da comunidade. Alguns exemplos podem incluir (mas não estão limitados):

- **Causados pelo homem: guerra, lutas tribais, infraestrutura ou construção instável, saques**
- **Perigos naturais: ciclones, inundações, terremotos, incêndios florestais, deslizamentos, seca**

2. VULNERABILIDADE Uma avaliação de risco confere especial atenção à vulnerabilidade das comunidades. A vulnerabilidade se determina observando como as pessoas são capazes de se proteger dos desastres, assim como sua capacidade de adaptação aos seus efeitos e impactos. Os fatores que contribuem para a vulnerabilidade incluem (mas não estão limitados):

- **A falta de entrosamento com os outros, a falta de movimentos da sociedade civil**
- **Práticas discriminatórias (no que concerne ao gênero, idade, raça, classe, orientação sexual, etc.).**
- **O acesso escaço à educação, saúde, recursos financeiros e humanos**
- **Acesso escaço à ajuda do governo e corrupção nas estruturas do governo**
- **Degradação ambiental**

3. CAPACIDADES E HABILIDADES O elemento final na avaliação de risco é a determinação da comunidade, e das capacidades ou potencialidades individuais. Capacidades, ou seja, as habilidades e os bens que as pessoas possuem nas comunidades, podem ser usados para ajudar num momento de desastre. Capacidades referem-se aos pontos fortes a longo prazo que não são focados durante uma súbita mudança nas circunstâncias. Alguns exemplos incluem:

- **Humano: grupos de jovens, União de mães**
- **Pastoral: paróquias, recursos espirituais, redes ecumênicas**
- **Social: principais paroquianos, relações com funcionários do governo**
- **Financeiro: propriedade, acesso a equipamentos ou transportes, etc.**

A avaliação de risco analisa os perigos, vulnerabilidades e capacidades da comunidade. Uma estratégia na Redução de Riscos e Desastres, diminuirá o risco global, diante da redução dos riscos, redução das vulnerabilidades e aumento da capacidade.

RISCO =

Perigos x Vulnerabilidades
Capacidades

HISTÓRIAS DE CAMPO

Mapeamento de Risco

por Leonidas Niyonabo (Igreja Anglicana de Burundi)



Essa é a minha experiência em mapeamento. Fiz um teste. Fui para uma área onde havia seca. Fui com o sacerdote local, um líder local e representante das comunidades.

Nós nos reunimos com a comunidade, perto da igreja. Pegamos uns palitos e desenhamos um mapa da comunidade na terra. Uma senhora idosa desenhou o primeiro mapa. Em seguida, desenhamos a fronteira no chão. Outras pessoas pegaram seus palitos e desenharam no chão onde a igreja estava localizada, marcaram o centro de saúde, o mercado, as escolas, as fontes de água, as estradas e casas. Perguntamos onde estavam os perigos, e as pessoas desenharam a área onde o poço estava seco ou onde inundava durante as chuvas.

Quando tínhamos tudo desenhado na terra, uma jovem estudante, uma menina na escola secundária, desenhou tudo que tínhamos desenhado numa folha de papel grande, para que todo mundo pudesse ver. Todo mundo disse para ela, “Não, este não é aqui é lá”. E, então, todos nós conversamos e entramos num acordo sobre cada coisa.

Era o mapeamento de risco e mapeamento de recursos, ao mesmo tempo.



COMPETÊNCIA CENTRAL 3: Implementação de RRD

Competência 3 permite que as comunidades desenvolvam e executem um plano de gestão de riscos para reduzir os riscos que enfrentam, ao incorporar os conhecimentos, habilidades e ativos previamente identificados. A implementação da Redução de Riscos de Desastres (RRD) se refere à capacidade de executar o plano, utilizar os bens existentes, propriedades e outros ativos para reduzir o risco.

A implementação da Redução de Riscos de Desastres (RRD) envolve falar com diversas pessoas que representam diversos setores da comunidade. As ferramentas nesta seção estão designadas para permitir que as pessoas coloquem em ação algumas das soluções identificadas durante a fase de avaliação.

As atividades RRD podem ser diversas e extensas. O objetivo deste capítulo não é fornecer uma lista completa. Em vez disso, esperamos fornecer algumas ferramentas simples que melhorarão a capacidade de recuperação da família e da comunidade.

AS ATIVIDADES DE RRD INCLUEM:

- **Estabelecer (e capacitar) os sistemas de comunicação de alerta**
- **Fazer sugestões sobre os kits de preparação para uso doméstico**
- **Reforçar os planos de preparação da comunidade paroquial ou diocesano**
- **Incorporar atividades de resistência de risco no programa para o desenvolvimento**

COMPETÊNCIA CENTRAL 4: Resposta a Desastres

Competência 4 é a capacidade dos líderes para responder efetivamente a desastre. Serão capazes de avaliar as necessidades durante uma resposta a desastres, e poderão responder de uma forma alinhada às normas internacionais.

Refere-se à capacidade de resposta a desastres para executar regularmente atividades de ajuda e recuperação, que atendem às necessidades tanto em curto prazo quanto em longo prazo. Acreditamos que incorporar atividades de Redução de Riscos e Desastres também aumentam a resistência diante de futuros choques ou desastres, isso reforça a resposta. Os programas de reforço e recuperação também têm em conta os pontos fortes e as contribuições das próprias pessoas afetadas, assim como a comunidade local e organizações nacionais. Uma resposta eficaz e eficiente deve ser oportuna e inclusiva.

Reconhecemos também que o sofrimento causado pelo desastre tem suas raízes na pobreza. Esta é a tarefa dos programas de desenvolvimento para ajudar a reduzir o nível de pobreza e vulnerabilidade a desastres. O melhor lugar para a Resposta a Desastres é o contexto de desenvolvimento. O trabalho de resposta pode e deve promover o desenvolvimento dos objetivos em vez de criar dependência. Esforços de ajuda responsável e eficaz auxiliam no retorno à normalidade o mais rápido possível. Atingi-se essa meta através da manutenção de uma perspectiva em longo prazo no desenvolvimento do potencial físico e humano de uma região e suas comunidades.

O propósito desta seção é descrever os princípios humanitários reconhecidos a nível internacional, e para que eles se adequam no âmbito e natureza na resposta da igreja.

Também se proporcionam ao cuidado do trabalhador humanitário ferramentas críticas relacionadas aos recursos humanos.

SEÇÃO 4:

Avaliação de Capacidade

Planilha para o monitoramento das Competências Centrais

1

2

3

4

COMPETÊNCIA CENTRAL 1:
Mobilização Comunitária

COMPETÊNCIA CENTRAL 2:
Avaliação de Risco

COMPETÊNCIA CENTRAL 3:
**Implementação da
Redução de Riscos de Desastres**

COMPETÊNCIA CENTRAL 4:
Resposta a Desastres

Introdução

As igrejas e organizações parceiras da Comunhão Anglicana podem ter diferentes níveis de capacitações e experiências em relação ao tema de Redução de Riscos de Desastres. Nosso manual tem o objetivo de ser útil, não importa em que nível você esteja tem o objetivo de ser útil, não importa onde você se encontre na escala de capacidade e experiência. Em outras palavras, pode ser que você esteja no início, e todas essas ideias são novas para você. Há ferramentas para você. Ou você pode ter muitos anos de resposta lidando com desastres. Temos instruções para você, também. Acreditamos também que as igrejas anglicanas e agências parceiras, independente de em que nível estejam, serão capazes de construir e melhorar sua capacidade a um nível profissional avançado, usando este Manual de Instruções.

Em nossa revisão da literatura existente, nosso Grupo de Trabalho analisou muitos recursos disponíveis. No entanto, não foi possível encontrar uma instrução necessária para atender a duas necessidades identificadas acima: aumento da capacidade na redução do risco de desastres e aumento da capacidade de gestão de desastre. Assim, o Grupo de Trabalho elaborou uma planilha de avaliação para atender a essas necessidades.

O Grupo de Trabalho concordou com oito regras básicas para atender as quatro competências básicas, conforme se detalha no gráfico a seguir. Essas competências e normas são realmente as metas para tentar alcançar. Ao fazer o possível para cumprir esses objetivos, as igrejas anglicanas, agências e outros grupos estarão respondendo aos perigos de forma mais profissional e eficaz possível.

Com a finalidade de guiá-lo através das diversas atividades, criamos uma planilha de trabalho de avaliação de capacidade que inclui o monitoramento tanto das capacidades de Redução de Riscos de Desastres como de gestão de desastres. Esta planilha é para você usá-la antes, durante e logo após a ocorrência de um desastre. Você poderia usá-la antes de um desastre, para que seja mais fácil responder de forma mais eficaz quando algo acontecer. Além disso, você poderá utilizá-la durante e logo após a ocorrência de um desastre para garantir que você está mantendo os padrões profissionais.

A Planilha de Avaliação de Capacidade é uma ferramenta de monitoramento para manter a simplicidade e conexão através e entre as quatro competências. As pontuações fornecem os níveis de capacidade e refletem uma mudança no nível de capacitação.

Panorama de la **Evaluación de la Capacidad**

<p>CENTRAL 1</p> <p>Mobilização Comunitária</p> <p>1</p> <p>PADRÕES</p> <p>Oficinas de RRD e Gestão</p> <p>Liderança em RRD e Gestão</p>	<p>CENTRAL 2</p> <p>Avaliação dos Riscos</p> <p>2</p> <p>PADRÕES</p> <p>Avaliação dos Riscos</p>	<p>CENTRAL 3</p> <p>Implementação da RRD</p> <p>3</p> <p>PADRÕES</p> <p>Plano de Gestão de Risco</p> <p>Integrar a RRD</p>	<p>CENTRAL 4</p> <p>Resposta a Desastres</p> <p>4</p> <p>PADRÕES</p> <p>Avaliação das Necessidades</p> <p>Atividades de Socorro</p> <p>Cuidado do Pessoal</p>
<p>FERRAMENTAS</p> <ol style="list-style-type: none">1 Servindo a comunidade em geral2 Oficina para Líderes da Comunidade ou da Paróquia3 Oficina para Líderes da Igreja4 Papéis e Responsabilidades do Comitê5 Desenvolver um Plano de Trabalho do Comitê6 Descrição do cargo de Coordenador de Desastres	<p>FERRAMENTAS</p> <ol style="list-style-type: none">7 Exercícios Básicos de mapeamento8 Exercícios Amplos de mapeamento	<p>FERRAMENTAS</p> <ol style="list-style-type: none">9 Priorizar as atividades10 Sistema de Alerta Prévio11 Sistema de Comunicação12 Centros de Evacuação13 Simulacros com a Comunidade14 Kits de Preparação para Residências15 Gestão de Voluntários16 Programação de Redução de Riscos17 Indicadores de RRD	<p>FERRAMENTAS</p> <ol style="list-style-type: none">18 Formato de Avaliação de Assistência19 Formato de Avaliação de Recuperação20 Princípios Centrais21 Folhas Temáticas de Conselhos22 Redução de Riscos em Ajuda e Recuperação de Desastres23 Política de Funcionário de Serviço24 Reconhecer e administrar o Estresse

NOMBRE DE LA COMUNIDAD/PARROQUIA:

FECHA DE LA EVALUACIÓN:

REALIZADA POR:

PUNTUACIÓN:

Novato A = 0
Principiante B = +1
Intermedio C = +2
Avanzado D = +3

Planilha de Avaliação de Capacidade

A planilha é uma ferramenta de monitoramento de avaliação com o objetivo de manter a simplicidade e conexão através e entre as quatro competências. As pontuações fornecem os níveis de capacidade e refletem uma os avanços na capacitação. Faça a contagem da sua pontuação no final da Planilha de Avaliação para determinar sua força Central e encontrar as ferramentas de Capacidade recomendadas.

COMPETÊNCIA CENTRAL 1: Mobilização Comunitária

1 PADRÃO 1: Redução de Riscos de Desastres e Oficinas de Gestão

Você já conduziu alguma oficina?

- A. Não. **A.** _____
- B. Sim, e discutimos o que funcionou, o que poderia ter sido melhor e e o que pode ser melhorado. Alguns de nossos líderes entendem o conceito de Redução de Riscos de Desastres (RRD), tais como os riscos e as vulnerabilidades. **B.** _____
- C. Sim, mais de uma oficina com o comitê paroquial ou comunitário. A maioria dos líderes da igreja e e da comunidade entendem os conceitos de RRD. **C.** _____
- D. Sim, incluindo as oficinas com a comunidade em geral, as igrejas anglicanas e os líderes da igreja. Muitos membros da comunidade e da paróquia entendem os Conceitos de RRD. **D.** _____

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 1: Servindo a Comunidade em geral - p. 5.1 ;
Ferramenta 2: Comunidade ou líderes paroquiais - p. 5.3 ; **Ferramenta 3:** Liderança da Igreja - p. 5.5;

COMPETÊNCIA CENTRAL 1: Movilización de la Comunidad

2 PADRÃO 2: Redução de Riscos de Desastres e Liderança de Gestão

Você já formou um comitê?

- A. Não. **A.** _____
- B. Sim, formamos um comitê diverso*. O comitê não se reúne regularmente, muitas vezes, ou ainda não decidiu sua missão ou escolheu um coordenador. **B.** _____
- C. Sim, formamos um comitê diversificado de RRD. Todos os membros foram treinados. O comitê identificou as responsabilidades para o coordenador e cada um de seus membros. Se houver um coordenador, ele ou ela é o principal responsável pela coordenação durante as emergências. **C.** _____
- D. Sim, os membros do Comitê RRD são diversificados, foram treinados e conhecem bem suas funções e responsabilidades. O comitê se reúne mensalmente para analisar e melhorar a plano de RRD. Um coordenador do comitê em tempo integral ajuda o comitê a fazer seu trabalho. **D.** _____

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê - p. 5.7 ; **Ferramenta 5:** Plano de Trabalho do Comitê - p. 5.9 , **Ferramenta 6:** Descrição do cargo de Coordenador de Desastres - p. 5.11

*Diverso = representa a comunidade mediante a inclusão dos diferentes grupos étnicos, tribos, religiões, etc.

3 PADRÃO 3: Avaliação de Risco

Você trabalhou uma avaliação de risco?

- A. Não.
- B. Sim, O Comitê RRD realizou uma oficina básica para identificar os riscos, vulnerabilidades e capacidades.
- C. Sim, O Comitê RRD realizou uma oficina básica para identificar os riscos, capacidades e vulnerabilidades. Os membros da Comunidade foram convidados a participaram da oficina.
- D. Sim, uma vasta oficina foi realizada para identificar os riscos, capacidades e vulnerabilidades. Os participantes eram diversos.

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 7: Mapeamento Básico - p. 5.13;

Ferramenta 8: Mapeamento Amplo - p. 5.17

4 PADRÃO 4: Plano de Gestão de Riscos

Você já realizou uma análise de risco na comunidade?

- A. Não.
- B. O Comitê RRD conduziu uma avaliação de riscos da comunidade.
- C. O Comitê RRD conduziu a análise de risco em cada comunidade e o grupo participante é diversificado.
- D. O Comitê RRD levou a análise de risco em cada comunidade, o grupo participante é diversificado, e o comitê checkou cada segmento da comunidade, mais de uma vez, para ver se eles estão usando o plano e, para ajudá-los a atualizar o plano.

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 9: Priorizar as atividades - p. 5.21; **Tool 10:** Sistema de Alerta com Antecedência- p. 5.25; **Ferramenta 11:** Sistema de Comunicação - p. 5,27; **Ferramenta 12:** Centro de Evacuação - p. 5,29; **Ferramenta 13:** Simulações com a Comunidade - p. 5,31; **Ferramenta 14:** Kits de Preparação para uso Doméstico - p. 5,33; **Ferramenta 15:** Administração de voluntários p. 5.35

5 PADRÃO 5: Integração de Redução de Risco de Desastres

Os projetos de desenvolvimento comunitário integram as atividades RRD?

- A. Não.
- B. Sim, quando planejamos os projetos de desenvolvimento da comunidade, consideramos as vulnerabilidades que podem ser limitadas ou estar enfraquecidas durante um desastre.
- C. Sim, o planejamento para todos os projetos de desenvolvimento inclui a análise de risco e orçamento para projetos de RRD.
- D. Sim, não só o planejamento para todos os projetos da comunidade inclui a análise de risco e orçamento para projetos de RRD, mas a integração de RRD também inclui indicadores de seguimentos para avaliar o impacto dos projetos de RRD.

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 16: Programação de Redução de Risco - p. 5,37;

Ferramenta 17: Indicadores de Redução do Risco de Desastres - p. 5.39

6 PADRÃO 6: Avaliação das Necessidades de Resposta a Desastres

Você trabalhou uma avaliação das necessidades?

- A. Não. A. _____
 B. Sim, as comunidades realizaram uma ou mais avaliações de necessidades dos membros da comunidade afetada. Avaliação incluiu dar prioridade para populações vulneráveis**. B. _____
 C. Sim, as necessidades foram avaliadas através deste manual. E os dados da avaliação foram analisados no contexto das estabilidades e capacidades da comunidade. C. _____
 D. Sim, não só as necessidades foram avaliadas por este manual, mas também a comunidade trabalhou com outras organizações para desenvolver um plano de resposta para melhorar as vulnerabilidades e a condição das populações vulneráveis. D. _____

Ferramenta de Desenvolvimento de Capacidade 18: Formato de Avaliação de Recuperação - p. 5.41 ;

Ferramenta 19: Formato de Avaliação de Recuperação - p.5.43

7 PADRÃO 7: Atividades de Ajuda a Resposta a Desastres

Você já desenvolveu um plano de resposta?

- A. Não. A. _____
 B. Sim, temos desenvolvido um plano que aborda as necessidades básicas e urgentes de sobrevivência após um desastre. B. _____
 C. Sim, não só se elaborou um plano com base nas necessidades urgentes da comunidade após a ocorrência de um desastre, mas também o plano segue “padrões mínimos” das necessidades básicas, como água, saneamento, construção de abrigos e alimentação. C. _____
 D. Sim, além de abordar as necessidades imediatas da comunidade após um desastre e seguir “normas mínimas” para satisfazer as necessidades essenciais, o plano cobre uma recuperação precoce, reduzindo o risco e melhorando a capacidade da comunidade para prevenir e minimizar futuros perigos. D. _____

Treinamento de Desenvolvimento de Capacidade: 20, 21 e 22: Princípios Centrais - p. 5.47; **Ferramenta 21:** Folhas Temáticas de Sugestões - p.5.49; **Ferramenta 22:** Redução de Riscos em Socorro e Recuperação de Desastres - p.5.53

8 PADRÃO 8: Cuidados com a equipe de Resposta a Desastres

Você desenvolveu práticas e diretrizes para garantir cuidados aos funcionários?

- A. Não. A. _____
 B. Sim, a equipe e voluntários recebem aconselhamento de apoio, quando é necessário. B. _____
 C. Sim, e também existem diretrizes para a terapia pastoral e profissional. C. _____
 D. Sim, além das diretrizes que permitem o apoio de terapia, a equipe é treinada para identificar os sintomas psicossociais. D. _____

Treinamento de Desenvolvimento de Capacidade: 23 e 24: Política de cuidados com a equipe - p. 5.55;

Ferramenta 24: Reconhecer e Lidar com O Estresse - p.5.57

**Vulneráveis = need translation for footnote

SEÇÃO 5:

Ferramentas

As ferramentas encontradas na Seção 5 são projetadas para o Desenvolvimento de funcionários, Líderes da Igreja e os membros da paróquia/comunidade para fornecer ideias, instruções, guias e informações na Redução do Risco de Desastres e Gestão de Desastres.



Funcionários



Líderes da Igreja



Paróquia/Comunidade

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Oficinas RRD



FERRAMENTA 1:

Servindo a Comunidade em Geral

O que é isso?

Orientações para trabalhar com e para prestar assistência a grupos ou comunidades distintas da comunidade anglicana.

Por que usá-la?

Estas diretrizes têm o objetivo de ajudá-lo a trabalhar com comunidades ou líderes que não sejam especificamente anglicanos.

Como usar?

Y el Rey les responderá:

“De cierto les digo que todo lo que hicieron por uno de mis hermanos más pequeños, por mí lo hicieron.”

Mateo 25:40

Muitas vezes, somos chamados a prestar assistência às comunidades que estão fora da nossa própria comunidade anglicana. Há um espaço para para que ajudemos nossos vizinhos, ainda mesmo que não compartilhamos a mesma língua ou crenças religiosas. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e Crescente Vermelho criaram um código de conduta para as ONGs, que muitas igrejas têm adotado. Dois dos princípios fundamentais são os seguintes:

1. A ajuda e o apoio da Igreja deve ser dado à pessoas de qualquer raça, credo, gênero, religião e nacionalidade, sem tendência ou preconceito. As prioridades são para ser trabalhadas com base em necessidade exclusiva. Isso significa que precisamos ajudar a todos, independentemente do grupo em que estejam inseridos.
2. Assistência e distribuição da Igreja, não devem ser usadas para promover pontos de vistas políticos ou religiosos. Isto significa que não podemos fazer proselitismo.

Uma vez que reconhecemos e concordamos com esses princípios, em situações difíceis. Como podemos segui-los? Como podemos trabalhar com líderes de outras religiões que não seja a Igreja Anglicana?

Ser Bondoso.

Trabalhe em Conjunto.

Honre as Tradições.

Pergunte, pergunte.

ASPECTOS IMPORTANTES A CONSIDERAR:

1. **Reunir-se com líderes religiosos, líderes étnicos e líderes comunitários.** Solicite uma reunião para debater sobre as necessidades da comunidade. É importante que demonstre ser muito sincero com relação às suas intenções e suas esperanças. Suas intenções são para ajudar as pessoas e não para convertê-los ou causar mal. Responda a todas as perguntas com calma e compaixão. Pense em como você poderia se sentir, se alguém de outra fé viesse para seu bairro para dar assistência.
2. **Coopere com os líderes locais.** Planeje com eles qual será a resposta ao desastre e como será realizada. Não tome qualquer ação sem envolvimento e parceria deles. Isto significa que se você fizer uma distribuição de alimentos, inclua representantes do grupo de parcerias para realizá-lo. Trabalhe em Conjunto. Quando você decidir que as famílias vão receber ajuda, decida com alguém do outro grupo. Não tome nenhuma decisão sozinha.
3. **Conheça o local, costumes, tradições e valores.** Deixe de lado seus próprios costumes e tradições para homenagear aqueles da comunidade onde você quer servir. Isso pode significar assistir aos serviços religiosos para demonstrar sua boa vontade e honrar suas práticas. Continue a pensar sobre como você se sentiria se estivesse no lugar deles.
4. **Nunca assuma que você está certo,** sobre de como as coisas devem ser feitas, ou qual é a melhor maneira de agir.

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Oficinas RRD



FERRAMENTA 2:

Oficina para Líderes da Comunidade ou Paróquia

O que é isso?

É uma oficina participativa sobre a Redução de Risco dirigido à paróquia e líderes comunitários.

Por que usá-la?

Esta ferramenta consiste em uma oficina para preparar os participantes para atividades de redução de riscos posteriores. Embora muitas das atividades de redução de risco sejam facilitadas pela equipe do programa ou os membros do comitê, são úteis compartilhar ideias gerais com os líderes religiosos e comunitários.

Como usar?

1. Dependendo da situação, às vezes é importante reunir-se com líderes comunitários antes de fazê-lo com a comunidade em geral. Em outras ocasiões, uma abordagem de baixo para cima é mais eficaz.
2. Peça ao bispo ou líder comunitário sua bênção e identifique um lugar e momento adequado.
3. Confirme e reserve um local com espaço suficiente para ter pequenos grupos de debate.
4. Use ou adapte o parágrafo sugerido abaixo para enviar convites para no máximo 25 pessoas. Convide guardas e líderes da paróquia, membros da sociedade civil, chefes de tribos e líderes de jovens. Preste muita atenção na representação demográfica, incluindo de forma adequada a participação feminina, idosos e jovens.

Sugestão do texto de convite:

Você está cordialmente convidado para participar de uma Oficina sobre como entender, pensar e reduzir os riscos de desastres em sua comunidade/paróquia/diocese. A fim de desenvolver um conjunto de atividades para fortalecer/capacitar a diocese/paróquia na sua comunidade a se recuperar após um desastre, por isso precisamos da sua participação. Esta Oficina terá duração de três horas e será realizada em:

5. Se você ainda não tem uma relação forte com seu público, ou se está desenvolvendo essa relação, você pode considerar em se organizar com um líder da paróquia ou comunidade.
6. Prepare a logística, incluindo a organização:
 - Transporte para os participantes
 - Um tripé com suporte ou outro dispositivo de apresentação para cada oito pessoas
 - Assentos em círculo para os participantes

FERRAMENTA 2: Na Oficina

1. Faça essas perguntas a todo o grupo, e incentive a participação:
 - Você ou sua família já passou por uma grande crise familiar? Discuta suas emoções, medos e as ações que vivenciaram seus familiares.
 - Alguém se lembra de algum tipo de desastre que aconteceu na nossa região? Qual foi o impacto?
 - Como reagiu a comunidade?
 - Alguém pode se lembrar de alguma situação que teria se tornado um desastre se não tivesse sido tomada a ação correta a tempo? Quais medidas foram adotadas que impediram consequências mais sérias?
 - Como responderia sua comunidade a esse tipo de desastre, por exemplo, um grande acidente de caminhão ou um incêndio, envolvendo muitas vítimas, caso acontecesse amanhã?
 - Que tipo de desastre você mais teme? Por que? Há alguma coisa que poderia ser feito para diminuir o impacto desse tipo de desastre?
2. Divida o grupo em oito para discutir os tipos de perigos: naturais e causados pelo ser humano. Após 10 minutos de trabalho em grupo, peça a cada grupo para apresentar seu trabalho ao plenário cheio.
 - Que tipo de perigos seriam mais suscetíveis de ameaçar nossa comunidade? Há sinais de alerta? Elabore uma lista.
 - Que circunstâncias envolvem certos perigos comuns em nossa comunidade? Pode incluir, por exemplo, construção com grama ou folhas de palmeiras, grama seca de arbusto que possa causar incêndios florestais, muita chuva, insetos que destroem o cultivo ou pessoas que vivem nas encostas, etc.
 - Quão bem estão equipadas as autoridades locais para lidar com qualquer um desses eventos?
 - Quão bem equipada está nossa comunidade para lidar com qualquer um desses eventos?
3. Divida o grupo em diferentes grupos de oito para discutir o impacto dos desastres em certos grupos de pessoas. Depois de ler o breve cenário, peça aos grupos que discutam as questões abaixo por 10 minutos. Dê tempo para que os grupos apresentem seu trabalho no plenário cheio.

“Imagine que numa grande barragem surja enormes rachaduras, há uns 100 km acima da nossa comunidade. As autoridades sabem que é provável que haja uma ruptura nas próximas 24 horas. Eles alertam todas as comunidades através de transmissões de rádio e funcionários com alto-falantes, para que evacuem imediatamente.”

 - Discuta como as pessoas da sua comunidade se seriam afetadas.
 - Qual seria o caminho de fuga mais rápido e seguro?
 - Considere os diferentes tipos de pessoas em nossa comunidade. Como seriam afetados logo após um desastre, e em longo prazo, depois de várias semanas ou meses?
 - Quem está mais propenso a sofrer efeitos graves? Por quê?
 - Como você pode planejar para ajudar os grupos de pessoas suscetíveis de sofrer o impacto mais grave?
 - O que as organizações locais podem fazer para ajudá-los?
4. Divida as pessoas em pares e leia essa história em voz alta:

“Você acorda e percebe que sua casa está pegando fogo. Todo o telhado está em chamas e não há nada que você possa fazer para salvá-la. Não há mais ninguém na casa. Você tem apenas dois ou três minutos para tirar as cinco coisas mais importantes para você. O que você gostaria de pegar?”

 - Dê as pessoas alguns minutos para decidir quais são as cinco coisas que pegariam em primeiro lugar.
 - Em seguida, peça a cada par para decidir quais itens iriam retirar primeiro e porquê.
 - Peça aos pares para compartilhar com o grupo todo, os itens que escolheram. Explique que eles fizeram uma lista de pertences. De tudo que eles possuíam, eles priorizaram os cinco pertences mais importantes. Depois que eles decidirem, seus pertences principais e deram suas razões para escolhê-los.
 - Depois que as pessoas compartilharem seus principais pertences, debater se isso iria beneficiar toda a comunidade. As pessoas deveriam reconsiderar seus pertences?
5. Tente um exercício semelhante, dessa vez considerando os pertences da comunidade:

“Você ouve no rádio que um ciclone vai trazer ventos fortes e inundações que vai chegar à sua região, em uma hora. Pense na sua comunidade e decidam quais são as cinco ações que devem tomar para evitar ou minimizar os danos à vida, à pecuária ou propriedades.”

Com o grupo todo, discuta sobre os ativos e recursos da comunidade, usando as perguntas abaixo:

 - Faça uma lista com todos os líderes da comunidade em sua área, tanto governamentais como não governamentais. Em uma situação de emergência, quem fornece as instruções? Quando aqueles que têm autoridade dão instruções confusas e, às vezes, diferentes, que instruções seguir?
 - Que experiência esses líderes têm na organização das pessoas? Qual experiência eles têm no planejamento? Como se poderia ampliar para ajudá-los a preparar para a resposta aos desastres?
 - Quão próximos estão esses líderes ligados aos funcionários do governo? Como se pode reforçar os vínculos entre os funcionários do governo, grupos religiosos, ONGs e grupos comunitários, reforçando e melhorando a comunicação?
 - Quão eficazes são os grupos religiosos para capacitar e preparar os membros que se preparam para a liderança? Como isso pode ser melhorado?
6. Na etapa final, analise com os participantes como Comitê de Redução de Risco de Desastres utilizará as informações da oficina e as ferramentas deste Manual para melhorar um plano de atividades para reduzir o risco da sua comunidade nos próximos meses.
7. Registre as informações coletadas, e as mantenha em um lugar seguro para uso futuro.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê

5.4 PASTORES E DESASTRES

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Oficinas RRD



FERRAMENTA 3:

Oficina para Líderes das Igrejas

O que é isso?

Uma oficina participativa sobre a Redução de Risco para impactar a igreja e diocesano/líderes.

Por que usá-la?

Esta ferramenta consiste em uma oficina para preparar os participantes para atividades de redução de riscos posteriores. Embora muitas das atividades de redução de risco sejam facilitadas pela equipe do programa ou membros do comitê, é útil compartilhar as ideias gerais com os líderes da igreja e diocesanos/ provinciais.

Como usar?

1. Peça ao bispo ou arcebispo sua permissão ou bênção e identifique um lugar e momento adequado.
2. Confirme e reserve um local para a oficina, um espaço adequado para a divisão de pequenos grupos.
3. Use ou adapte o parágrafo sugerido abaixo para enviar convites para no máximo 25 pessoas. Convide líderes diocesanos, incluindo leigos, archdeacons, reitores e chefes de departamentos. Preste muita atenção na representação demográfica, incluindo adequada participação feminina, idosos e jovens.

Sugestão do texto de convite:

Você está cordialmente convidado para participar de uma Oficina sobre como analisar e reduzir os riscos de desastres em sua comunidade/ paróquia/ diocese. Solicitamos sua participação, a fim de desenvolver um conjunto de atividades para fortalecer a capacidade de recuperação da sua comunidade/paróquia/diocese, após um desastre. Esta Oficina terá duração de três horas e será realizada em:

4. Prepare a logística, incluindo a organização:
 - Transporte para os participantes
 - Um tripé com suporte ou outro dispositivo de apresentação para cada oito pessoas
 - Assentos em círculo para os participantes

Ferramentas Históricas: Adaptado e testado no Brasil, Burundi, El Salvador

Referência: Venton P and Hansford, B (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

FERRAMENTA 3: Na Oficina

1. Faça essas perguntas a todo o grupo, e incentive a participação:
 - De que forma você acha que sua igreja poderia responder imediatamente se ocorresse um desastre?
 - Quais são os planos que sua igreja poderia desenvolver agora, para que pudesse responder rapidamente, se e quando um desastre ocorresse?
 2. Divida o grupo em grupos de oito para discutir ativos da igreja. Após 10 minutos de trabalho em grupo, peça a cada grupo para apresentar seu trabalho ao plenário cheio.
 - Que bens ou recursos sua igreja possui e que poderia ser útil em um desastre? Pense em terrenos, edifícios, sinos, etc.
 - Que informação útil sua igreja informar tanto antes como durante de um possível desastre?
 - Quais habilidades têm em sua congregação? Alguns exemplos incluem conhecimento médico, experiência na construção e capacidade para oferecer terapia.
 3. Divida o grupo em diferentes grupos de oito para discutir de que forma os líderes da igreja podem modelar e incentivar atitudes e valores de compaixão. Pergunte aos pequenos grupos para discutir as questões abaixo. Após 20 minutos de trabalho em grupo, prepare os grupos para apresentar seus trabalhos em plenário cheio.
 - Como a igreja pode demonstrar amor e hospitalidade em tempos de crise?
 - De que maneira sua igreja poderia apoiar aqueles que foram vítimas ou estão emocionalmente perturbados por causa de desastres?
 - Quais são os valores e atitudes em sua comunidade que tornam algumas pessoas mais vulneráveis a desastres? Será que a comunidade tem uma cultura supersticiosa ou aceita a fatalidade?
 4. Como sua igreja pode desafiar e alterar esses valores e atitudes?
 - Quais são os principais ensinamentos que a Igreja deve promover após um desastre?
 - Quais são as fontes de conflito existentes em sua comunidade e o que a igreja pode fazer para ajudar a resolver essas tensões?
 - Como a igreja pode garantir que todos na comunidade precisam de ajuda?
4. Divida as pessoas em pares para ter um diálogo mais profundo sobre a facilitação da ação comunitária.
 - Como sua igreja poderia reunir a comunidade em geral para decidir sobre as medidas para preparar ou responder aos desastres?
 - Quem são as pessoas-chave em sua comunidade, que você gostaria de envolver no planejamento e na execução de uma reunião na comunidade?
 5. Com o grupo completo, discuta como a igreja pode usar suas redes de contatos para defender em nome dos mais vulneráveis.
 - Há problemas de injustiça em sua comunidade local que precisam ser desafiados? Como sua igreja pode melhorar isso?
 - Quem são as pessoas em sua comunidade que podem estar sendo negligenciadas pelos programas de resposta de emergência devido a fatores geográficos ou por falta de conexões?
 6. Por último, compartilhe com os participantes de como o Comitê de Redução de Risco de Desastres usará as informações da oficina e as ferramentas deste manual para garantir um plano de atividades na redução de risco, em sua comunidade ao longo dos próximos meses.

A diocese de Colombo Clero e Oficina de Redução do Risco de Desastres para Leigos



PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 4: Papéis e Responsabilidades do Comitê

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Liderança
de RRD



FERRAMENTA 4:

Papéis e Responsabilidades do Comitê

O que é isso?

Uma lista dos papéis e responsabilidades centrais de um Comitê de Redução de Riscos de Desastres e Gestão.

Por que usá-la?

É necessário um comitê ou grupo para responder bem em caso de emergência. E você precisará que a experiência dos membros corresponda às necessidades e expectativas da comissão.

Como usar?

Sugestão do texto de convite:

A Diocese/Paróquia/Organização de Desenvolvimento Comunitário está planejando estabelecer um Comitê de Redução de Risco de Desastres e Gestão de Desastres. O Comitê trabalhará em um Plano de Redução de Risco de Desastres para nossa diocese/paróquia/comunidade. O Comitê também irá supervisionar o Coordenador de Redução de Risco de Desastres e Gestão de Desastres. Estamos à procura de um grupo de pessoas que estejam dispostas a apoiar o Coordenador da diocese/paróquia/comunidade nos esforços de preparação, mitigação e resposta. Estamos convidando você para fazer parte deste Comitê durante o período mínimo de dois anos.

- 1. O líder eclesial, bispo ou líder da comunidade deve convidar as seguintes pessoas para servir no comitê:**
 - Clero incluindo os superiores eclesiais, bispo, sacerdote da paróquia, etc., conforme o caso
 - Líderes leigos, incluindo seleções guardas paroquiais e chefes da comunidade
 - Representantes do Departamento incluindo a União das Mães, Associações Juvenis, etc.
 - Pessoas com experiência e/ou conexões com gestão de desastres
 - Pessoas com experiência em planejamento e monitoramento
 - Pessoas dispostas e capazes de ajudar em áreas designadas
 - Pessoas de outros credos e origens
- 2. O comitê será responsável pelas seguintes atividades:**
 - Reproduzir o compromisso de Cristo e outros grandes líderes espirituais com a verdade, a misericórdia, justiça e o amor para com todas as pessoas.
 - Estabelecer metas e objetivos na redução de desastres
 - Desenvolver, analisar e compreender plenamente o plano de Redução de Risco de Desastres
 - Liderar treinamentos, quando for necessário
 - Comunicar o plano totalmente às paróquias e comunidades através de treinamentos, sermões, etc.
 - Garantir que as atividades de preparação tenham continuidade e sejam atuais
 - Fornecer à paróquia suporte durante períodos de estresse; por exemplo, coordenar serviços e atividades
 - Prestar apoio e orientação ao coordenador, conforme necessário
- 3. Durante as reuniões mensais, o comitê avançará com as seguintes ações:**
 - Conhecer sua própria área de responsabilidade dentro do plano
 - Revisar e atualizar o plano regularmente para se certificar de que está funcionando
 - Quando ocorrer um desastre, executar o plano de preparação ou plano posterior ao desastre
 - Avaliar o plano após o usá-lo; fazendo as alterações necessárias
 - Em intervalos regulares, convidar novos membros para integrar o comitê

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado em El Salvador, Moçambique, Ilhas Salomão

Referência: US Disaster Program (2011). *Preparedness Planning Guide*, Episcopal Relief & Development.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 6: Descrição do Trabalho do Coordenador; Ferramentas 2 & 3: Realização de Oficinas RRD

Formação de Comitês em El Salvador

por Daniella Flamenco



No início, quando o bispo falou sobre a Redução do Risco de Desastres os sacerdotes ficaram animados, porque achavam que iriam receber ajuda financeira. Tivemos que lidar com as decepções deles, quando perceberam que não iam obter os fundos de ajuda.

Mais tarde tentei encontrar com os sacerdotes sem o bispo, mais ninguém compareceu. Tinha que ter certeza que o bispo estaria presente para que todos participassem.

Uma das primeiras coisas que focamos, foi o de conseguir um Coordenador RRD. Descobrimos que o coordenador não tem que ser amigo mais próximo do padre. Essa pessoa pode estar muito ocupada. Além disso, você não quer escolher alguém que está muito perto do sacerdote - é necessário ter um pouco de objetividade e distância.

O coordenador ideal é alguém que tem tempo, que está comprometido, e tem certa escolaridade. O coordenador não precisa ter atingido o nível de escolarização mais alto, apenas o suficiente para ler e entender um pouco as ideias sobre a RRD. O excesso de escolaridade também pode ser um problema: às vezes porque as pessoas mais profissionais de uma comunidade estão muito ocupadas com seus trabalhos.

Se um grupo elege algumas pessoas para ser coordenadores e membros do comitê que não são as mais adequadas, você deve intervir o quanto antes. Um padre elegeu pela primeira vez uma enfermeira, mas descobrimos que ela estaria muito ocupada para se manter ativa. Logo, ele escolheu um médico que tinha uma clínica na paróquia - o médico tem muito mais tempo, e ele está preparado e tem conhecimento.

No nosso caso, os comitês de cada comunidade são compostos por promotores de saúde, sacerdotes e algumas poucas pessoas que o sacerdote seleciona. Os comitês têm entre quatro a cinco membros. Acho que cinco é um bom número.

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Liderança
de RRD



FERRAMENTA 5:

Desenvolvimento de um Plano de Trabalho

O que é isso?

Um exercício para fornecer orientações sobre desenvolvimento e atualização de um plano de trabalho de Redução de Risco e Desastres.

Por que usá-la?

Sem um plano de ação, a tarefa de reduzir os riscos ou administrar desastres pode ser desanimadora. Este simples exercício é projetado para simplificar o processo e torná-lo mais eficaz.

Como usá-la?

1. Faça um quadro como este, rotule a primeira coluna “Atividades”. Liste todas as atividades essenciais e continue com outras atividades. Faça a primeira fileira, “Linha do Tempo”. Na primeira fileira, anote um prazo de tempo realista, usando unidades de tempo semanais, mensais ou trimestrais. Na grelha, insira uma marca ou uma data mais específica, quando o comitê espera que se coloque em práticas as atividades.

ATIVIDADES
Realizar as oficinas de RRD Ferramentas 1e 2
Recrutar o Coordenador de RRD Ferramentas 4
Estabelecer um Comitê de RRD Ferramentas 5
Conduzir o Mapa de riscos Ferramentas 7 e 8
Compilar uma lista de contatos Ferramentas 11

	TEMPO			
	Jan-Mar	Abr-Jun	Jul-Sep	Out-Dec
		1 de maio		
			20 de agosto	20 de outubro
		15 de junho		

2. Neste exemplo, a comunidade tinha planejado nomear um Coordenador de RRD em maio, e tem o plano de trabalho da comitê, e uma lista de contatos concluída até junho. Pensaram que iriam realizar as reuniões com as comunidades em agosto e outubro. À medida que planejaram outras atividades, acrescentaram à lista. Elabore um plano de trabalho para a diocese como um todo, ou para uma comunidade ou paróquia específica.
3. O coordenador e o comitê devem elaborar e aprovar o plano de trabalho nas primeiras reuniões, em seguida, continuar a monitorar as atividades, e rever, se for necessário, nas reuniões seguintes.
4. Guarde essa lista disponível para referência e atualize o plano.

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado em Burundi, El Salvador, Mianmar, Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 7: Exercício básico de Mapeamento

CENTRAL 1

Mobilização
Comunitária

PADRÃO 1

Liderança
de RRD



FERRAMENTA 6:

Descrição do Cargo de Coordenador de Desastres

O que é isso?

Uma descrição de amostra do trabalho de um Coordenador de Redução do Risco de Desastres e Gestão de Desastre, se seu diocesano ou líder provincial decide que precisa de uma pessoa em tempo parcial ou integral para coordenar e gerenciar as atividades de redução de risco de desastres.

Por que usá-la?

A contratação de um voluntário adequado ou um funcionário com uma função claramente definida é essencial para a supervisão e organização preparação dos programas de e mitigação, e quando for necessário, para coordenar as operações de socorro e recuperação.

Como usá-la?

1. Use a linguagem abaixo para discutir com seus líderes provinciais ou diocesanos e crie uma exposição de trabalho que atenda às suas necessidades locais.
2. Determine se a posição é voluntária ou remunerada, e se é em tempo integral ou tempo parcial, e mencione isso na descrição do trabalho. NOTA: Não recomendamos que o clero faça esse trabalho porque se houver algum desastre, será necessário ter o clero à disposição para satisfazer as necessidades espirituais e emocionais da população, portanto, o clero não terá tempo ou energia para liderar a resposta a desastres.
3. Publique a descrição do trabalho dentro da Igreja, ecumênico e da sociedade civil.
4. Ao entrevistar candidatos, certifique-se que os candidatos entendam bem suas funções e responsabilidades, inclusive capacitando paróquias e comunidades por meio de atividades antes, durante e após um desastre.

DESCRIÇÃO DE AMOSTRA DE TRABALHO

Deveres e responsabilidades incluem:

- Recrutar um Comitê de Redução de Risco de Desastres e Gestão de Desastres
- Dar apoio aos Comitês de RRD a nível provincial, diocesano e paroquial/comunitário
- Realizar reuniões regulares do Comitê de RRD & Gestão de Desastres.
- Coordenar e planejar treinamentos a nível diocesano, paroquial e comunitário.
- Conduzir a criação e manutenção de um Plano de Preparação para Desastres
- Ajudar as paróquias/comunidades em estabelecer comitês locais e a criar/atualizar os planos de desastre
- Estabeleça relações com outras agências ecumênicas, sem fins lucrativos e governamentais
- No caso de desastre, comunique-se com os comitês locais para avaliar as necessidades em auxiliar na implementação dos planos de resposta
- Em caso de desastre, coordene-se com os sócios com relação às necessidades e a melhor forma de obter recursos necessários para as comunidades afetadas
- Quaisquer outras funções serão atribuídas pelo supervisor, comitê ou bispo

Os requisitos incluem:

- Energia positiva e capacidade de trabalhar em colaboração com o clero e leigos de diversas origens e diferentes níveis de compreensão
- Uma pessoa auto motivada, detalhista, com forte capacidade de organização
- Habilidades superiores de comunicação oral e escrita, experiência ao falar em público

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado em El Salvador, Moçambique, Ilhas Salomão

PRÓXIMO PASO: Ferramenta 7: Exercício básico de Mapeamento

CENTRAL 2

Avaliação
de Risco

PADRÃO 3

Avaliação
de Risco



FERRAMENTA 7:

Exercício Básico de Mapeamento

O que é isso?

Exercícios básicos para identificar os perigos, vulnerabilidades e capacidades em uma comunidade, até o final do processo lhe fornecerá um Mapa de Risco completo.

Por que usá-la?

Um Mapa de Risco é útil na avaliação da intensidade, frequência e propensão de riscos; analisando os níveis de vulnerabilidade das pessoas e instalações; e identifica oportunidades para reforçar os pontos fortes existentes.

Como usá-la?

1. Mapeamento

Este exercício facilitará a comunicação e incentivará o debate sobre questões importantes na comunidade. Um mapa permite que todos vejam as principais características da região e onde pode haver problemas no caso de um desastre.

1. **Certifique-se de que os homens e mulheres que conhecem bem a área, estejam dispostos a partilhar suas experiências ao vir à reunião.** Se tiver pessoas novas ou crianças pequenas, você não vai obter as informações que precisa.
2. **Escolha uma superfície adequada para trabalhar no (chão, chão, papel) e meios (paus, pedras, sementes, lápis, giz) para fazer o mapa.**
3. **Ajude as pessoas a começar, mas deixe-as desenhar no mapa.** Primeiro, o mapa deve mostrar as casas, campos, estradas, rios e outros usos da terra. Em seguida, deverá indicar, o risco, elementos de risco, áreas de segurança, recursos, etc.

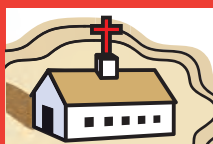
EXERCÍCIO 1

Mapeamento

Áreas de Risco



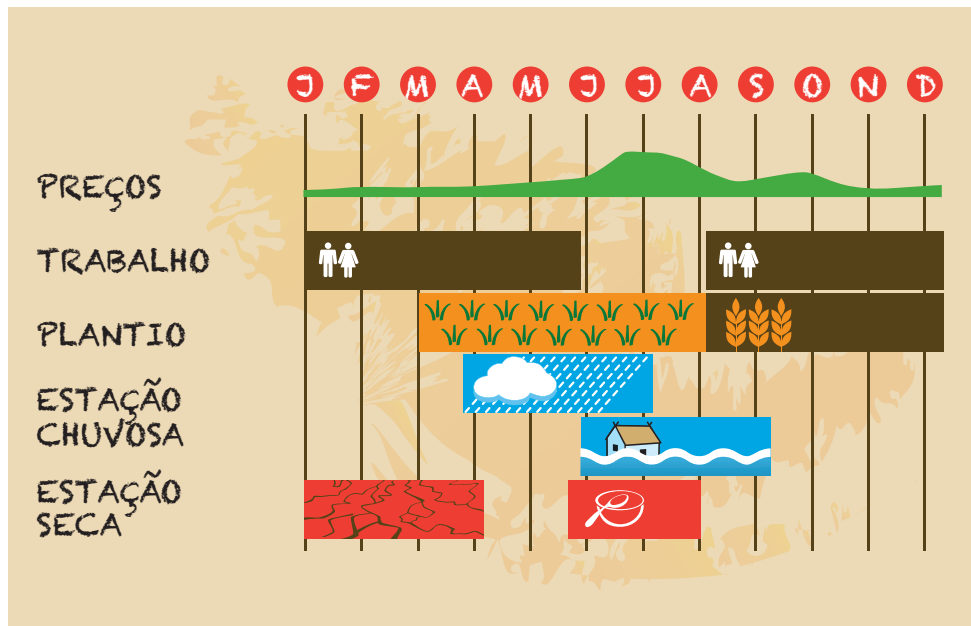
Áreas de Segurança



FERRAMENTA 7: Na Oficina

EXERCÍCIO 2

Calendário sazonal



2. Calendário sazonal

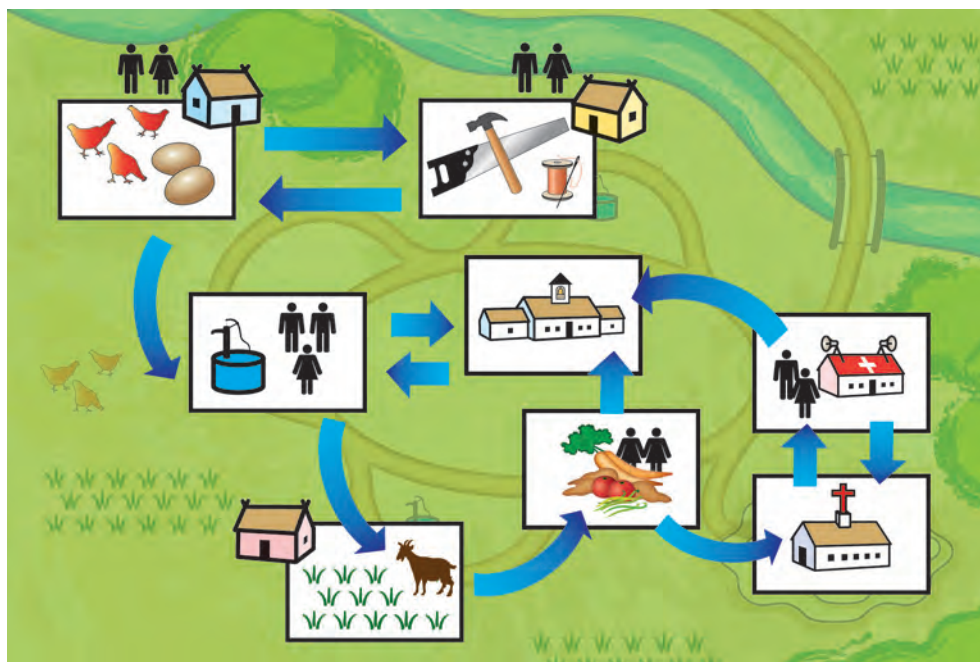
Este exercício revela eventos diferentes, experiências, atividades e condições que ocorrem durante o ano, e identifica períodos de estresse e riscos, ilustrando quando as atividades e os eventos estão em maior risco, assim como as estações “seguras” do ano.

1. Use o ‘quadro negro’ ou cartolina. Marque os meses no calendário local do ano no eixo horizontal. Pergunte às pessoas para listar as fontes de subsistência, eventos, condições, etc., e organize isso ao longo do eixo vertical.
2. Pergunte às pessoas para enumerar todos o trabalho que fazem (por exemplo, arar, plantar, capinar, etc.) e marcar os meses, a duração, o gênero e a idade para cada fonte de subsistência/renda.
3. Fale sobre como os diferentes desastres afetam a comunidade. Olhe para o calendário e diga coisas como: “No geral, vocês plantam em junho, mas, logo ocorrem fortes chuvas nesse mês? - Que impacto tem isso na sua capacidade de arar e ser capaz de se sustentar” Dessa forma, você está ligado aos diferentes aspectos desse calendário: como é que os desastres afetam as fontes de subsistência? Quando é mais pesada carga de trabalho? Quem faz o trabalho? Pergunte sobre o consumo de alimentos por temporada, os períodos de escassez de alimentos, emigração, etc.

FERRAMENTA 7: Na Oficina

EXERCÍCIO 3

Capacidade de mapeamento



3. Capacidade de mapeamento

Este exercício é útil para expor os recursos locais em que as pessoas confiam em tempos de desastre. Isso permite às comunidades para atuar de acordo com suas capacidades ou fortalezas. Também irá ajudar a identificar as diferenças de gênero no acesso e controle dos recursos.

1. Pergunte a um membro da família para desenhar um mapa dos seus recursos/ capacidades nos quais dependem para sua sobrevivência e sustento (materiais/ físicos/sociais organizacionais, espirituais/ capacidades físicas, motivacionais).
2. Pergunte a um membro da família como contribuem ou apoiam outras famílias, na comunidade e no meio socioeconômico em geral.
3. Peça às pessoas para usar as setas para indicar o fluxo de recursos para cada membro familiar.
4. Pergunte ao (s) membro (s) quem utiliza e controla os recursos (por gênero, classe, etnia, idade).
5. Faça perguntas para acompanhar a criação dos mapas, e coloque as respostas no mapa.

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado no China, El Salvador, Mianmar, Filipinas, Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 8: Exercício Amplo de Mapeamento (se estiver operando em níveis mais elevados de capacidade ou se necessita de informações adicionais); Ferramenta 9: Priorizar as Atividades (para atividades de RRD independentes);

Ferramenta 16: Programação de Redução de Risco (para a integração nos programas de desenvolvimento)

CENTRAL 2

Avaliação
de Risco

PADRÃO 3

Avaliação
de Risco



FERRAMENTA 8:

Exercício Amplio de Mapeamento

O que é isso?

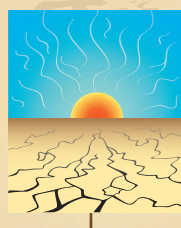
Uma série de exercícios de mapeamento adicionais para identificar perigos, vulnerabilidades e capacidades. Além disso, fornece informações mais completa (complementa os exercícios da Ferramenta 7).

Por que usá-la?

Exercícios de mapeamento desenvolvem a participação da comunidade e de propriedade do processo. Portanto, esses exercícios adicionais não só ajudam a coletar diferentes tipos de dados para análise da comunidade, mas também criam oportunidades na comunidade para lidar com os riscos e vulnerabilidades de acordo com seus próprios ativos e pontos fortes.

EXERCÍCIO 1

Perfil Histórico



SECA



TERREMOTOS



INUNDAÇÕES



POLÍTICO

Como usá-la?

1. Perfil Histórico

Este exercício é usado para se ter uma ideia sobre os perigos e mudanças nas características do perigo do passado, e para entender a situação atual na comunidade.

1. Programe um horário para que os membros da comunidade se reúnam e discutam sobre o que tem acontecido na comunidade. Certifique-se de convidar o máximo de pessoas possível, incluindo aqueles com conhecimento histórico da comunidade e governança local (líderes mais velhos, os professores) e os jovens para que eles possam ouvir a história da sua comunidade.
2. Quando começar a reunião, explique que você está recolhendo histórias sobre a história da comunidade, a fim de criar um mapa dos riscos atuais.
3. Pergunte às pessoas para se lembrar de qualquer acontecimento de importância que tenha acontecido na comunidade, tais como:
 - Os maiores danos e seus efeitos (inundações, terremotos, secas, ciclones)
 - Mudanças no uso do solo (lavouras, cobertura florestal, etc.)

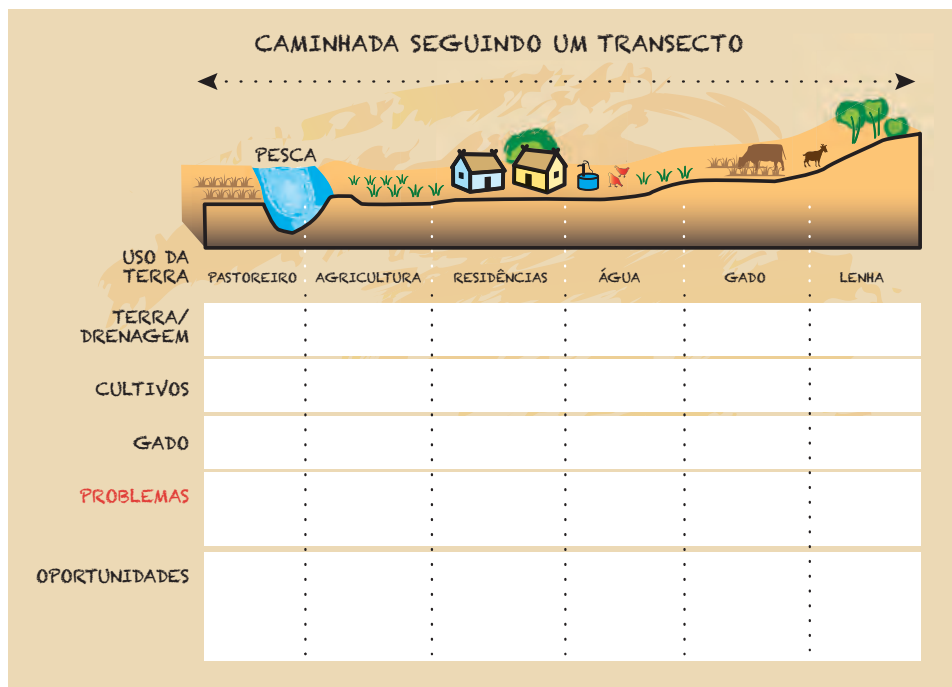
FERRAMENTA 8: Na Oficina

- Mudanças na propriedade da terra ou em quem é proprietário de terra
 - Mudanças na segurança alimentar e nutricional
 - Mudanças em serviços sociais (estado de saúde, estabelecimentos de ensino)
 - Mudanças na administração e organização
 - Mudanças nos papéis de homens, mulheres, meninos, meninas, idosos, deficientes
 - Eventos políticos importantes
4. Peça para alguém escrever as histórias no quadro negro ou cartolina em ordem cronológica. Se, por exemplo, ocorreu uma inundação em 2010 e houve uma perda da colheita em 1999 e, em seguida, outra enchente no ano passado, você poderia registrar primeiro o evento de 1999, em seguida, o evento de 2012 e, finalmente, o que acabou de acontecer.
 5. Peça para as pessoas contarem histórias sobre suas vidas, que têm a ver com os perigos, tais como inundação ou quando a plantação foi toda perdida.
 6. Peça para as pessoas ou um grupo que comecem com experiências atuais e voltem atrás no tempo. O objetivo de reviver essas histórias, é do encontrar razões/causas que tenham contribuído para que prejudicasse certa experiência. Certifique-se de manter um registro dessas informações.

EXERCÍCIO 2

Caminhada Segundo um Transecto

Note mudanças históricas durante o transecto. Concentre-se em questões como o uso da terra, áreas problemáticas, propriedade da terra e mudanças no ambiente.



2. Caminhada Segundo um Transecto

Uma caminhada sistemática com aquelas pessoas que têm conhecimento-chaves através da comunidade é usado para visualizar a interação entre o ambiente físico e as atividades humanas no espaço e no tempo. Identificar as zonas de perigo, locais de evacuação, zonas de uso da terra, etc.

1. Usando um mapa, selecione um caminho que atravesse a comunidade, chamada linha transecto. O transecto é uma linha que atravessa alguma coisa (pode ser mais de uma).
2. Com um grupo de seis a dez pessoas que representa a seção transversal, explique que a finalidade do exercício é caminhar através da comunidade e observar os possíveis problemas em caso de desastre.
3. Caminhe com o grupo, tendo tempo para as observações e realizações de entrevistas breves e informais com pessoas que você encontra ao longo do caminho em diferentes lugares de trânsito.

FERRAMENTA 8: Na Oficina

EXERCÍCIO 3

Análises das Estratégias de Enfretamento

EXERCÍCIO 4

Canciones Folclóricas, Historias o Poesía

3. Análises das Estratégias de Enfretamento

Este exercício é usado para entender as estratégias de subsistência; o comportamento, as decisões e percepções em torno de risco; capacidades e vulnerabilidades das famílias de diferentes origens socioeconômicas.

1. Revise o mapa de perigos feito previamente, o calendário sazonal e o mapa de capacidade de Ferramenta 7 e determine os critérios para selecionar membros que pertençam a diferentes grupos socioeconômicos (a amostra não deveria ser ao acaso).
2. Decida quantas e quais as famílias, em particular, você vai entrevistar.
3. Realize a entrevista (uma hora); apresente-se e informe o motivo da entrevista.
4. Comece perguntando a idade e gênero dos membros da família, em seguida faça perguntas sobre meios de subsistência e as estratégias de enfrentamento.
5. Desenhe diagramas de blocos ou setores para facilitar as discussões sobre as fontes de subsistência.
6. Continue a discussão sobre a forma de afrontamento de como a família lida em momentos de estresse (material, social, espiritual).

4. Canções Folclóricas, Histórias ou Poesias

Este exercício pede às pessoas da comunidade se têm alguma canções tradicionais, histórias, poemas ou provérbios sobre desastres. Essas tradições podem revelar conhecimentos, crenças e práticas nativas.

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado em Burindi, El Salvador, Filipinas, Sri Lanka

Referências: Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund. Heijmans A e Victoria L (2001). *Citizenry-Based & Development-Oriented Respostas a desastres*, CDP.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 9: Priorizar as Atividades (para atividades de RRD independentes) Ferramenta 16: Programação de Redução de Risco (para a integração nos programas de desenvolvimento)

HISTÓRIAS DE CAMPO

Exercício básico de Mapeamento

por Daniella Flamenco



Estávamos em cinco comunidades em Cuilapa, uma vila de tamanho médio de cerca de 3.000 pessoas. Tivemos uma reunião com os promotores de saúde locais e o padre. Expliquei que estava testando o manual de ferramenta e como fazer o mapa com o manual de ferramenta. Eu os expliquei como o mapa tinha que ser feito e pedi aos promotores de saúde que elaborassem um mapa para a próxima visita. Pediram-me para escrever algo como exemplo, então, desenhei um mapa.



CENTRAL 3

Avaliação
de Risco

PADRÃO 4

Avaliação
de Risco



FERRAMENTA 9:

Priorizar as Atividades

O que é isso?

Um processo sistemático de atividades de RRD, identificadas durante a análise de risco (Ferramentas de 7 e 8).

Por que usá-la?

A fim de ser mais eficaz para minimizar o risco, é importante dar prioridade às atividades de RRC.

Como usá-la?

1. Registre os dados dos exercícios de mapeamento em Ferramentas 7 & 8, e distribua aos membros do Comitê.
2. Organize uma reunião com os membros do comitê para analisar os dados de mapeamento.
3. Na reunião, use a seguinte linguagem para introduzir o risco como um conceito: *“O risco é definido como o impacto de riscos e vulnerabilidades, compensados pelas capacidades existentes.”* Portanto:
 - Quanto mais intensa ou frequente o perigo, maior será o risco.
 - Quanto maior vulnerabilidade, maior será o risco.
 - Quanto maior capacidade existente, menor será o risco.O objetivo de um plano de Redução de Risco de Desastres é diminuir o impacto do perigo, reduzir as vulnerabilidades e aumentar as capacidades, a fim de mitigar e se preparar para os desastres.
4. **Conduza um debate em grupo** com o comitê para analisar os dados dos exercícios de mapeamento de perigo, fazendo as seguintes perguntas. Documentar as respostas.
 - Qual é a causa direta ou indireta do perigo?
 - Quais fatores podem influenciar a intensidade ou a magnitude do perigo?
 - Como podemos diminuir os efeitos dos perigos enfrentados por sua comunidade ou paróquia?
5. **Analise os dados dos exercícios de mapeamento da vulnerabilidade.** Faça essas perguntas ao comitê para uma discussão de grupo. Documentar as respostas.
 - Quem é vulnerável? Considere idade, gênero, características físicas, etnia, tipo de trabalho, a localização da casa/trabalho/escola, atividades, relações familiares, associações, etc.
 - O que torna as pessoas vulneráveis? Considere a exposição a riscos, recursos (Falta de apoio familiar ou comunitária, financeira, política, educação, terra e da propriedade, etc.)
 - Quando as pessoas estão mais vulneráveis? Considere a hora do dia, época do ano, festivais, etc.
 - Onde as pessoas estão mais vulneráveis? Considere o local (ex.: em casa, no campo, fora do acampamento, depois da escola, na estrada, passando por uma aldeia próxima, nos transportes públicos, no mercado, etc.).
 - Como podemos reduzir a vulnerabilidade das pessoas na sua comunidade ou paróquia?

FERRAMENTA 9: Na Oficina

6. **Analisar os dados dos exercícios de mapeamento de recursos.** Faça essas perguntas ao comitê para um debate de grupo. Documente a resposta.
 - Qual é a capacidade que as pessoas têm atualmente para absorver o choque por si mesmas? Considere as estratégias de enfrentamento atuais que as pessoas estão usando para reduzir o risco e quais são as suas capacidades atuais existentes dentro da comunidade (ex.: indivíduo, coletivo, política, jurídica, saúde, financeiro, educacional, transporte, etc.).
 - Que acesso as pessoas têm aos recursos e de que forma podem ajudá-las a reduzir o impacto dos desastres?
 - A que tipo de recursos que possam ter acesso? Eles são acessíveis? Por que ou por que não?
 - O acesso a esses recursos é seguro, acessível e eficaz?
 - Como podemos aumentar a capacidade dentro da comunidade/ paróquia?
 - Como podemos melhorar o acesso aos recursos identificados na comunidade?
 - Quais dessas áreas da equação temos maior controle? Qual dessas atividades devemos focar?
7. **Termine o debate, fazendo as seguintes perguntas como resumo:**
 - Como podemos diminuir a intensidade ou a frequência dos perigos enfrentados pela comunidade/paróquia?
 - Como podemos diminuir a vulnerabilidade das pessoas na comunidade/ paróquia?
 - Como podemos aumentar as capacidades dentro da comunidade/ paróquia?
 - Quais dessas áreas (riscos, vulnerabilidades e capacidades) que a comunidade/paróquia têm mais controle? Qual dessas atividades devem ser o foco principal?
8. **Um exercício final, é classificar as diversas atividades que foram identificadas.**
 - Faça um diagrama (gráfico de pizza ou quadriculo) ou configure tigelas que correspondam às vulnerabilidades identificadas na comunidade.
 - Dê a cada indivíduo seis sementes (ou pedras ou tampas de garrafas) para cada um atribua segundo prioridade deles.
 - Pergunte a cada um individualmente que coloque três sementes em sua primeira escolha, duas na segunda escolha e uma na terceira escolha, baseando-se na vulnerabilidade que necessita mais atenção urgentes.
 - Se o comitê quiser que a votação seja em segredo, alternativa é a utilização de sacos de papel para representar cada vulnerabilidade. Peça aos indivíduos que coloquem as sementes deles dentro do saco.

EXERCÍCIO 8

Nível de
Vulnerabilidade



HISTÓRIAS DE CAMPO

Avaliação das Necessidades em Burundi

por Leonidas Niyongabo



É assim que mapeamos as principais necessidades de uma comunidade onde a maioria das pessoas não são alfabetizados.

Reunimos com todas as aldeias em baixo de uma árvore. Pedimos aos moradores quais são os principais desastres que temos na área. Eles começaram a dizer: “**Nós temos a seca, malária, AIDS, danos à plantação ...**”

Trouxemos conosco uma 100 grãos de feijão. Pegamos esses feijões e os colocamos em uma grande pilha no chão no meio de um círculo de pessoas.

Pedimos as pessoas para dividirem o feijão em pilhas de forma que uma pilha representasse AIDS, outra a malária, outra seca, assim em diante para os danos às plantações, etc. O povo entendeu imediatamente e fez montes de feijão que representassem o quão significativo cada desastre era para eles.

Quando eles terminaram, tivemos um monte de pilhas de feijão! Contamos os grãos de feijão em cada pilha, e descobrimos que para cada pilha de feijão, a seca tinha mais número, depois a malária, e em terceiro os problemas causados na plantação, etc.

Perguntei à comunidade se eles concordavam. Concordaram e ficaram surpresos com os resultados. Essa foi nossa experiência de avaliação

CENTRAL 3

Implementação de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução de Riscos



FERRAMENTA 10:

Sistema de Alerta Prévio

O que é isso?

Um Sistema de Alerta Prévio propicia à população aviso prévio de um evento de perigo iminente.

Por que usá-la?

Sem sistemas de alerta prévios, há a possibilidade de maiores perdas de vidas, pecuária, propriedades e serviços de infra-estrutura. Sistemas de alerta prévio ativam os planos de gestão em desastres a nível residencial, comunitário, paróquial e/ou diocesanos.

Como usá-la?

1. Atribua a um dos membros do comitê para que seja responsável pelo sistema de alerta prévio.
2. Com o membro do comitê, identifique quais outras instituições estão envolvidas no sistema de alerta prévio, e crie relacionamentos com esses três níveis de autoridade:

Nível Nacional É importante identificar as instituições chave, como a Agência Nacional de Gestão de Desastres, cujo objetivo é estabelecer a política nacional, ou o Centro Meteorológico Nacional, que irá monitorar o progresso dos diferentes perigos

Nível Regional É importante identificar se há serviços de agências nacionais ou se o governo regional tem departamentos adicionais para lidar com desastres. Em todo o caso, É importante ter em conta os acordos de cada agência governamental.

Nível Local É importante também identificar os serviços. Por exemplo, pode haver outros mecanismos adicionais estabelecidos pelo governo local, tais como equipes de busca e salvamento, etc. Neste nível é essencial conhecer os arranjos locais postos em prática para ajudar as populações da comunidade e da paróquia durante um desastre. O comitê pode optar se aproximar das pessoas chaves e escritórios para obter essas informações, e registrar os dados de contato tanto do membro do comitê, quanto do coordenador dessas redes/listas.



3. Com o membro do comitê, ajude a paróquia/comunidade a criar ou melhorar seu próprio sistema de alerta prévio de acordo com o tipo de perigo. Alguns exemplos de atividades sugeridas são:
 - **Ciclones e furacões** - megafones portáteis ou bandeiras de sinalização são muito utilizados.
 - **Inundações** - Pode-se atribuir aos voluntários a tarefa de monitorar os níveis de água nos períodos de chuva forte, e logo, usar sinos ou outros ruídos altos para alertar a comunidade.
 - **Enchentes** - o sistema de alerta tem que ser rápido e eficaz (ex., os sinos das igrejas ou alto-falantes das mesquitas) porque a comunidade pode ter apenas minutos para agir.
 - **Seca** - as situações se deterioram lentamente, mas muitas áreas propensas à seca têm um sistema de alerta de um departamento governamental ou agência meteorológica. Além disso, os agricultores também têm suas formas tradicionais de interpretar a seca (ex., interpretar o comportamento dos insetos, as direções do vento ou padrões de floração de árvore).
 - **Terremotos** - fontes científicas podem estar disponível, mas normalmente a comunidade pode ter que interpretar os sinais da natureza (ex., qualquer comportamento incomum do gado, cães ou pássaros).
 - **Guerra e conflitos** - os líderes da igreja e os meios de comunicação são fontes de informação.
4. Propor ao comitê defender, junto com os líderes da igreja ou escrever uma proposta de subvenção, a fim de obter financiamento para a implementação das atividades mencionadas.

Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado no El Salvador, Burundi, Sri Lanka

Referências: Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 11: Sistema de Comunicação

HISTÓRIAS DE CAMPO

Plano de Gestão de Risco em El Salvador

por Daniella Flamenco



Salinas del Potrero tem cerca de 1000 pessoas. A aldeia sofre inundações todos os anos. Muitas pessoas estão isoladas e têm de ser evacuados cada vez que ocorrem inundações.

Não se pode ouvir nas comunidades mais distantes, que são as que estão em maior perigo de inundações provocados por tsunamis que veem do Pacífico.

Queríamos melhorar as capacidades de alerta prévio, foi assim que pensamos nos rádios walkie-talkie. Assim que testamos o sistema: Fui com um dos funcionários em uma das comunidades e alguns membros da comunidade foram para o oeste e outros foram para o nordeste. Estávamos tão espalhados possível - há cinco milhas da comunidade mais distante, e funcionou!

Decidimos comprar um par de walkie-talkies para o resto das comunidades. Assim, os promotores de saúde compartilham um rádio e dois membros da comunidade compartilham o segundo walkie-talkie. Temos uma pessoa principal, assim quando as pessoas de uma comunidade sabem que haverá um risco, alguma dessas pessoas liga para a pessoa principal e ela chamar os outros contatos, que avisaram os demais. Dessa forma, se houver um alerta de tsunami, as pessoas terão tempo para evacuar Isto também pode funcionar em caso de violência. Se um grupo violento tenta atacar para alguém ou se houver um ataque, as comunidades podem ser avisadas.

CENTRAL 3

Implementação de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução de Riscos



FERRAMENTA 11:

Sistema de Comunicação

O que é isso?

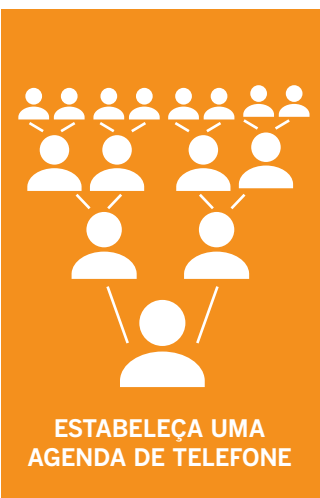
Um sistema de comunicação usado para informar as partes interessadas sobre avisos ou necessidades urgentes. É um mecanismo para transmitir alertas que podem ter sido identificados através de dispositivos de alerta ou outras fontes de informação.

Por que usá-la?

Deve haver algum sistema de comunicação com os líderes da igreja, funcionários do governo e outros, para informá-los sobre as necessidades específicas da comunidade afetada, podendo assim ajudar aqueles que possivelmente estejam isolados.

Como usá-la?

1. Faça listas de números de telefones/e-mails com antecedência.
2. Configure as listas de distribuição antes de um desastre com informações atualizadas. Quando ocorre um desastre, não há tempo para compilar essas listas, ainda assim fazer com que sua mensagem chegue de forma rápida e eficaz. Inclua contatos para notificar sobre os serviços de socorro, agências governamentais, tais como: a diocese, os parceiros ecumênicos locais, etc. Em seguida, quando for necessário, você pode enviar as informações imediatamente. Utilize e adapte este gráfico simples para atender às suas necessidades.



CARGO	NOME DIREÇÃO	Telefone Principal/Alternativo Email
Bispo diocesano		
Coordenador de RRD		
1 ST Membro do Comitê de RRD		
2 ND Membro do Comitê de RRD		
Sacerdote encarregado		
Guardião da Paróquia		
Tesoureiro/Contador da Paróquia		
Departamento da Polícia Local		
Departamento de Bombeiro Local		
1 ST Contato ecumênico		
2 ND Contato ecumênico		

3. Estabeleça uma agenda de telefone, por exemplo, o comitê informará duas pessoas, e cada uma dessas pessoas iria informar duas outras pessoas, etc. Forneça uma cópia da lista a todos os membros.

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução
de Riscos



FERRAMENTA 12:

Centros de Evacuação

O que é isso?

Um centro de evacuação comunitário, paroquial ou diocesano que garanta a segurança humana durante a resposta a um desastre.

Por que usá-la?

Um local seguro que seja de fácil acesso a todos os membros da comunidade, reduzirá a vulnerabilidade das pessoas afetadas por um desastre. Este local também deve ter instalações básicas para atender às necessidades imediatas de sobrevivência da comunidade.

Como usá-la?



1. Identifique um local (ou vários locais) para o centro de evacuação. Em situações em que as pessoas são obrigadas a deixar suas casas, podem precisar usar a casa de um parente ou um edifício temporário. O comitê pode optar em encontrar um edifício (por exemplo, uma escola ou igreja em uma área mais altas, etc.).
2. Negocie com a gestão do edifício identificado para saber quanto resistente são telhados ou paredes, para resistir a uma situação perigosa.
3. Cada pessoa na comunidade/paróquia deve saber desse local e o caminho mais seguro para alcançá-lo.
4. O centro deve dispor de meios adequados, incluindo fornecimento de água potável e banheiros separados para homens e mulheres, e deve atender as normas culturais, ter espaço para alimentos secos de emergência e cobertores, além de ter áreas para manter o gado (se for preciso).
5. Onde não houver algum prédio adequado, pode-se utilizar terrenos altos abertos. Uma preparação prévia é necessária, tanto para eliminar a vegetação indesejável, quanto para trazer materiais de abrigo temporários, tais como folhas de plástico e varas de bambu. O uso do terreno tem também de ser cuidadosamente planejado, e deve-se tomar as providências para ter água e banheiro.
6. Identifique as equipes de liderança dentro do Comitê de RRD para abordar as atividades direcionadas, tais como as preocupações temáticas: como (saúde, assistência aos idosos, bem-estar infantil, etc.) ou preocupações organizacionais (trabalho em rede com a sociedade civil, a coordenação com os serviços diocesanos, a difusão de mensagens de alerta precoce, etc.).
7. Trabalhe em rede com a sociedade civil - em algumas situações, as ONGs locais ou governo podem ter planos e recursos para ajudar a população a lidar com o desastre (por exemplo, barcos de evacuação, rádios e estoques de alimentos). O comitê poderá optar por convidar essas organizações para as suas reuniões, ou visitá-los em seus escritórios para estabelecer boas relações com os funcionários competentes durante os períodos de não-desastre e compartilhar informações a fim de evitar a duplicação de esforços ou coordenar uma resposta.

Ferramentas Históricas: Desenvolvidas e testadas na China, El Salvador, Moçambique, Mianmar, Ilhas Salomão, Sudão do Sul, Sri Lanka **Referências:** Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 13: Simulações com a Comunidade

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução
de Riscos



FERRAMENTA 13:

Simulações com a Comunidade

O que é isso?

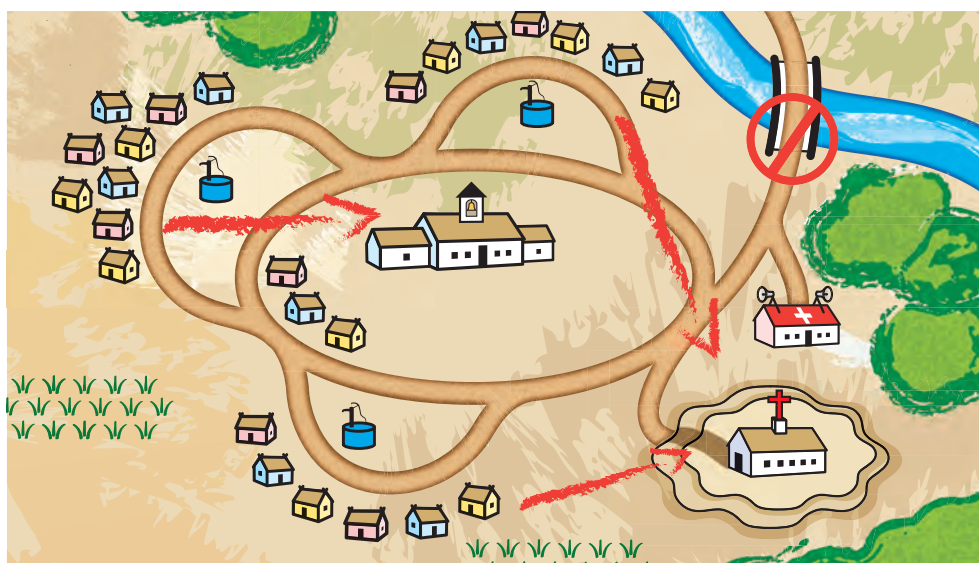
Um plano da comunidade, paroquial ou diocesano, que garanta a segurança das pessoas durante o desastre.

Por que usá-la?

Sem ensaios e simulações regulares, uma evacuação de emergência pode ser caótico, desgastante e ineficaz.

Como usá-la?

1. Identifique o local ou áreas de evacuações.
2. Identifique as equipes líderes dentro do comitê RRD para identificar o caminho mais seguro a partir de várias partes da paróquia/comunidade.
3. Cada pessoa na paróquia/comunidade deve saber deste local e o caminho mais seguro para alcançá-lo.
4. Educar a comunidade sobre o (s) sinal (ais) de evacuação. Fornecer aos membros da comunidade informações sobre o sistema de alerta precoce para que eles entendam isso.
5. Em sociedades onde as mulheres não podem se mover livremente, sem um parente do sexo masculino, viúvas ou mulheres com maridos ausentes podem estar em maior risco e precisam de planos especiais de evacuação.
6. As pessoas com necessidades especiais, idosos, doentes ou deficientes mentais terão que ter uma atenção especial, por isso certifique-se em pré-determinar indivíduos para acompanhar essas pessoas que são vulneráveis.
7. Porque as pessoas aprendem melhor fazendo as coisas por si próprias, organize simulações de situações de desastre e evacuações práticas em condições de segurança.



Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado no El Salvador, China, Moçambique, Sri Lanka

Referências: Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 14: Kits de Preparação para uso doméstico

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução
de Riscos



FERRAMENTA 14:

Kits de Preparação para uso Domestico

O que é isso?

Um Kit de Preparação residencial de ajuda às famílias em criar seu próprio plano de preparação.

Por que usá-la?

Em áreas de alto risco, é aconselhável que cada família tenha seu próprio plano do que fazer em caso de emergência e que com cada membro esteja consciente do seu próprio papel.

Como usá-la?

1. Organize um treinamento na paróquia/comunidade para compartilhar a seguinte lista de ações.
2. Distribua a lista de ações e mencione que as famílias podem adicionar mais linhas para os familiares e gado.
3. Capacite a comunidade sobre a importância de um plano de emergência, citando cada item da lista de ações.
4. Mantenha o “uma bolsa de emergência” em um local seguro e conveniente.
5. Assegure-se de que todos os membros da família saibam dos sinais de alerta e as rotas de evacuação.
6. Estabeleça um local de encontro para as famílias, caso os membros da família se separem. Proporcione treinamento especial às crianças e aos membros mais vulneráveis da família.

KIT DE PREPARAÇÃO PARA AS FAMÍLIAS



Ferramentas Históricas: Desenvolvido e testado em Burundi, El Salvador, Sri Lanka

Referências: Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Redução de Risco de Desastres em Nossa Comunidade*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 15: Gestão de voluntários

FERRAMENTA 14: Itens para o Kit de Preparação para uso Domestico

Faça uma lista de todos os membros da sua casa

Todos os membros do familia estão salvos e seguros? Indique com uma marca de verificação (✓)

_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()

Liste todo o gado

É O gado está salvo e seguro? Indique com uma marca de verificação (✓)

_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()
_____	()

Alimentos do kit de emergência

Listar todos os itens essenciais

Dinheiro: _____	()	Utensílios de cozinha: _____	()
Documentos: _____	()	_____	()
_____	()	_____	()
_____	()	Comida seca: _____	()
Ferramentas de subsistência: _____	()	_____	()
_____	()	_____	()
_____	()	Prescrições médicas _____	()
Sementes: _____	()	Jóias _____	()
_____	()	Peças de roupa _____	()
Produtos higiênicos _____	()	Lanterna e baterias _____	()
Kit de Primeiros Socorros _____	()	Rádio e baterias _____	()
Cobertores/colchonetes _____	()	Apito _____	()

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 4

Gestão e Redução
de Riscos



FERRAMENTA 15:

Gestión de Voluntarios

O que é isso?

Uma lista de verificação para que as paróquias ou comunidades mobilizem e gerenciem voluntários de fora da área, que podem ser necessários em um grande desastre.

Por que usá-la?

Em muitas respostas a desastres, a Igreja responde melhor quando usa a sua força para organizar voluntários que sejam membros da Igreja. No entanto, há ocasiões em que algumas comunidades ou paróquias precisam gerenciar grupos externos de voluntários para ajudar com as fases de assistência e recuperação de uma resposta a desastres. Ter um processo formal para gerenciar voluntários tornará uma resposta a desastres melhor sucedida.

Como usá-la?

1. Verifique se este tipo de ministério voluntário é compatível com sua paróquia/comunidade.
2. **Organize um Comitê de Voluntários.** Identifique as pessoas de dentro da paróquia que possam se encarregar de trabalhar com os voluntários. O comitê deve ser capaz de responder a perguntas relacionadas com a logística.
3. **Defina os papéis para os grupos de voluntários** – coordenação, compras, distribuição da ajuda, transporte, trabalho pesado, documentação, contabilidade etc. Defina as atividades necessárias.
4. **Designe um observador/segurança para auxiliar no monitoramento das chaves e do acesso ao edifício.**
5. **Organize o acesso aos banheiros para os grupos de voluntários.**
6. **Organize as refeições para os grupos de voluntários.** Se a sua igreja tem uma cozinha ou despensa, os voluntários poderão usá-la? O que você precisa adquirir para a cozinha para que grandes grupos possam cozinhar (panelas, frigideiras, tábuas de corte, sabão etc.)?
7. **Determine como a propriedade paróquia será compartilhada.** Considere se os voluntários compartilharão o espaço com grupos regulares, reuniões ou cultos.

Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Mianmar, Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 17: Indicadores de Redução do Risco de Desastres

HISTÓRIAS DO CAMPO

Papéis dos Voluntários no Sudão do Sul

por Joseph Loabe



Nós temos um sistema especial no Sudão do Sul, por meio da Igreja Episcopal do Sudão do Sul e Sudão (ECSSS, sigla local). Em nosso contexto, temos treinado os coordenadores de desenvolvimento para serem coordenadores de emergência em cada uma das dioceses. Além dos coordenadores de desenvolvimento, também temos equipes de voluntários compostas por membros da Mothers' Union e outros membros da comunidade que participam ativamente nas respostas de emergência.

Os voluntários são responsáveis pela identificação de populações vulneráveis. O comitê de voluntários também é responsável pela distribuição dos itens de ajuda humanitária, como parte do programa de capacitação do Comitê de RRD diocesano.

Os membros da igreja tem um papel de formação e facilitação, enquanto o Comitê de RRD e os grupos de voluntários desempenham papéis de implementação no terreno. Durante a crise, em dezembro de 2013, nós seguimos este sistema com bastante sucesso para a distribuição de itens de ajuda humanitária para mais de 40 mil pessoas deslocadas internamente.

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 5

Integração de
Redução de Riscos



FERRAMENTA 16:

Programação de Redução de Risco

O que é isso?

Recomendações para adicionar atividades de Redução de Risco de Desastres a programas de desenvolvimento.

Por que usá-la?

As atividades de desenvolvimento comunitário em curso – assim como o fato de direcionar as atividades de RRD para os esforços de desenvolvimento – podem ajudar as comunidades a se tornarem mais resilientes a desastres. Em contrapartida, os benefícios do desenvolvimento podem ser perdidos se o risco de desastres e o câmbio climático não são levados em conta.

Como usá-la?

A seguir estão alguns exemplos por área temática, para ilustrar a adição de atividades para fortalecer a resistência às catástrofes.

Água e saneamento

- Construir torneiras e canos mais altos do que os níveis anteriores de inundação
- Monitorar e fazer a manutenção das tubulações que ficam em áreas de deslizamento de terra, para evitar desperdícios
- Limpar bueiros, canais de desvio de inundações e diques, para evitar danos às propriedades
- Fornecer fontes de água alternativas para situações de emergência ou proteger contra as enchentes as fontes de água existentes

Sistemas de saúde

- Avaliar o uso da terra, para garantir a localização adequada dos postos de saúde
- Armazenar medicamentos necessários durante as enchentes sazonais ou outros desastres relacionados com a água
- Realizar treinamentos sobre educação em saúde para tratar doenças relacionadas a desastres
- Realizar treinamentos básicos de primeiros socorros

Agricultura

- Plantar tipos de culturas ou variedades de culturas resistentes à seca ou utilizar padrões de plantio alternativos
- Plantar árvores para estabilizar encostas e promover o controle da erosão e a proteção do solo
- Plantar árvores para formar cintos de abrigo ou plantar culturas alternativas que cresçam fora da temporada de vendaval
- Desenvolver métodos ou tecnologia de agricultura que respeitem o meio ambiente
- Plantar culturas vegetais alternativas, realocar culturas e plantar variedades resistentes às inundações ou alterar os padrões de cultivo

Educação

- Assegurar que os edifícios públicos (escolas, igrejas e hospitais) sejam resistentes a terremotos
- Melhorar os projetos de casas ou edifícios escolares que serão utilizados como abrigos coletivos
- Construir instalações sanitárias públicas à prova de enchentes
- Treinar as crianças das escolas em rotas de evacuação de desastre e realizar evacuações simuladas

Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo em Burundi, El Salvador, China, Moçambique, Mianmar, Sudão do Sul, Ilhas Salomão, Sri Lanka **Referências:** Asia Pacific Team (2012). *Disaster Risk Reduction Toolkit*, World Vision International. Venton P e Hansford R (2006). *ROOTS 9: Reducing Risk of Disaster in Our Communities*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 17: Indicadores de Redução do Risco de Desastres

CENTRAL 3

Implementação
de RRD

PADRÃO 5

Integração de
Redução de Riscos



FERRAMENTA 17:

Indicadores de Redução do Risco de Desastres

O que é isso?

Os indicadores medem o progresso em direção às metas.

Por que usá-la?

Os indicadores são referências verificáveis que se utilizam para avaliar se o seu programa está no caminho certo para atingir suas metas e objetivos

Como usá-la?

A Planilha de Avaliação da Capacidade (Seção 4) fornece uma base para medir a mudanças na paróquia/comunidade que está planejando o processo de preparação e redução de risco.

A concepção do programa geralmente envolve indicadores tanto de processo quanto de produção para medir as atividades, assim como indicadores de resultados ou consequências para medir a alteração resultante das atividades. Os indicadores de processo podem ser qualitativos (atitudes, opiniões ou comportamento), ao passo que os indicadores de produção são geralmente quantitativos (numéricos). Os indicadores de produção captam as atividades conforme são completadas. Já os indicadores de resultados ou de consequências medem o impacto mais amplo do plano.

Usar indicadores de produção e de resultados garante que a gestão do programa de RRD seja avaliada, juntamente com a avaliação de se o plano tem o impacto pretendido na paróquia/comunidade.

A curta lista mostrada aqui reflete alguns dos métodos de medição utilizados para verificar vários níveis de redução de riscos de desastres (nível organizacional e nível de paróquia/comunidade). A lista está organizada por objetivos típicos. Estes são apenas indicadores sugeridos. O comitê é estimulado a escolher indicadores com base em conversas com sua comunidade local.

OBJETIVOS E INDICADORES

1. Reforçar a capacidade de RRD dentro da estrutura da Igreja

- Número de pessoas dedicados a atividades de RRD
- Estabelecimento de um plano de resposta a desastres
- Número de pessoas treinados no plano de desastre diocesano
- Custo das atividades de socorro
- Tempo entre o socorro e a reabilitação

2. Reforçar a capacidade de RRD dentro da comunidade

- Número de líderes comunitários em treinamento de resposta a desastres
- Número de pessoas vulneráveis deslocadas
- Número de outras organizações com as quais há esforços coordenados
- Porcentagem de tempo que a comunidade requer ajuda externa para auxiliar no planejamento
- Número de incidências de conflitos sociais dentro da comunidade

Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo na China, Moçambique, Ilhas Salomão, Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO: Planilha de Avaliação de Capacidade (Para reavaliar a capacidade)



FERRAMENTA 18:

Formato de Avaliação de Socorro

O que é isso?

Uma rápida avaliação das necessidades fornece a base para o desenvolvimento de uma resposta a desastres.

Por que usá-la?

Após ter acontecido um desastre, a paróquia pode ser o primeiro grupo de socorro. O comitê vai precisar de uma pequena equipe de pessoas que possam fazer uma avaliação simples das necessidades, habilidades e recursos. Isso vai ajudar o comitê a saber quais são os tipos de ajuda necessárias, assim como a quantidade de bens ou materiais requeridos. Qualquer pedido de ajuda a uma fonte externa vai exigir esta informação. É importante que esta seja coletada com sensibilidade. Os líderes precisam de treinamento para explicar por que é importante fazer pesquisas nos momentos de desastre, em vez de apressar-se com questões de socorro. Precisam entender como isso vai ajudar a comunidade a lidar e se recuperar do desastre de uma forma mais eficaz. É também essencial comunicar à comunidade afetada os parâmetros (atividades, cronograma) da resposta, para que as expectativas sejam realistas.

Como usá-la?

1. Planeje a avaliação

- Leia as listas de verificação no formulário abaixo e adapte-as, se necessário.
- Entre em acordo sobre as formas de coleta de informações (entrevistas, discussões em grupo, observações, discussões com outras agências).
- Monte uma equipe pequena. Deve haver uma mistura de pessoas do sexo masculino e do feminino, além de alguém que possa anotar todos os resultados.

2. Reúna-se com os grupos afetados pelo desastre

- Tente reunir-se com tantos grupos afetados pelo desastre quanto possível, incluindo os mais vulneráveis (mulheres, crianças, idosos, etc.) e grupos marginalizados (por exemplo, minorias étnicas).
- Descubra necessidades com relação a alimentos, abrigo, água, saneamento e apoio emocional. Use a lista de verificação abaixo. Certifique-se de que os dados de homens e mulheres sejam registrados separadamente.

3. Obtenha informações adicionais das autoridades locais

- Se for o caso, visite autoridades locais e avalie os estoques de socorro do governo disponíveis, assim como os planos de distribuição (alimentos, água, materiais de abrigo).
- Essas autoridades também devem ter dados de saúde e informações sobre instalações médicas.
- As autoridades também podem saber quais ONGs estão trabalhando em quais áreas e quais recursos estão disponíveis.

4. Planeje uma resposta

- Como grupo, priorize as necessidades principais.
- Identifique os recursos disponíveis para atender essas necessidades (da igreja, governo, ONGs).
- Decida quem será responsável por diferentes partes da resposta.
- Decida onde e quando começará a resposta e a ordem das diferentes atividades.

FERRAMENTA 18: Lista de verificação da avaliação do socorro

1 Qual é o número total estimado de pessoas afetadas por este desastre?

Famílias _____
Crianças menores de cinco anos _____
Meninos 6-14 anos _____
Meninas 6-14 anos _____
Adultos do sexo masculino _____
Adultos do sexo feminino _____
TOTAL _____

2 Quem são os mais vulneráveis?

Idosos _____
Pessoas com necessidades especiais _____
Doentes de longo prazo _____
Mulheres grávidas _____
Outros _____
TOTAL _____

3 Quais são as lesões/doenças mais comuns causadas pelo desastre?

4 Disponibilidade de alimentos

Quantas famílias não têm comida? _____
Há alimentos a preços acessíveis nos mercados locais? _____
Há suprimentos de emergência à disposição? _____
Onde? _____

5 Preparo de alimentos

As famílias têm utensílios de cozinha? _____
Existe combustível para cozinhar? _____
Há suprimentos de emergência à disposição? _____

6 Disponibilidade de água/sanitários/saneamento

Quantas famílias estão sem água? _____
Quantas famílias estão sem banheiros? _____
Quão distante fica a água potável mais próxima? _____
Quantas precisam de recipientes de água? _____

7 Disponibilidade de assistência imediata

Há grupos que estejam completamente sem assistência?

Que tipo de assistência está sendo oferecida por fontes do governo/ONGs ou outras igrejas, e quem irá se beneficiar da assistência?

Quais instalações de saúde estão disponíveis?

Existe risco de outro desastre no futuro próximo? (Por exemplo, tremores, inundações)

De que modo o desastre tem afetado os meios de subsistência e a capacidade de voltar ao trabalho? (Por exemplo, agricultura, pesca)

De que modo o desastre tem afetado o sistema educativo?



FERRAMENTA 19:

Formato da Avaliação de Recuperação

O que é isso?

A Avaliação das Necessidades de Recuperação fornece a base para desenvolver uma resposta a médio e longo prazo após a fase de socorro imediato.

Por que usá-la?

O comitê vai precisar de um pequeno grupo de pessoas que possam fazer uma avaliação simples das necessidades, habilidades e recursos. Qualquer pedido de assistência a uma fonte externa vai exigir essa informação. É importante que esta seja coletada com sensibilidade. Os líderes precisam ser treinados para explicar por que é fundamental fazer pesquisas nos momentos de desastre e como isso vai ajudar a comunidade a lidar e se recuperar do desastre de uma forma mais eficaz. Em vez de se apressar com itens de ajuda humanitária, é essencial examinar como os ativos e recursos existentes podem ser utilizados para atender as necessidades imediatas, de modo a não destruir ou enfraquecer possíveis recursos e sistemas de dentro da comunidade. Também é importante informar a comunidade afetada dos parâmetros (atividades, cronograma) da resposta, para que as expectativas sejam realistas.

Como usá-la?

1. Planeje a avaliação

- Leia as listas de verificação no formulário abaixo e adapte-as, se necessário.
- Entre em um acordo sobre as formas de coleta de informação (entrevistas, discussões em grupo, observações e discussões com outras agências).
- Mobilize uma equipe previamente designada ou monte uma equipe pequena. Deve haver uma mistura de pessoas do sexo masculino e do feminino, além de alguém que possa anotar todos os resultados.

2. Reúna-se com os grupos afetados pelo desastre

- Tente reunir-se com tantos grupos afetados pelo desastre quanto seja possível, incluindo os mais vulneráveis (mulheres, crianças, idosos etc.) e grupos marginalizados (por exemplo, minorias étnicas).
- Identifique necessidades específicas em matéria de alimentação, abrigo, água, saneamento e apoio emocional. Registre os dados para homens e mulheres separadamente.

3. Obtenha informações adicionais que possam ser disponibilizadas pelas autoridades locais

- Se for o caso, visite as autoridades locais e avalie os estoques de ajuda humanitária do governo disponíveis e os planos para distribuição (alimentos, água, materiais de abrigo).
- Essas autoridades também devem ter dados de saúde e informações sobre instalações médicas.
- As autoridades também podem saber quais ONGs estão trabalhando em quais aldeias e quais recursos estão disponíveis.

4. Cruze informações

- Organize uma reunião com seus assessores para compartilhar todos os resultados e cruzar as informações para procurar inconsistências.
- Se existirem inconsistências, busque informações adicionais a partir de fontes novas ou já existentes antes de finalizar a avaliação das necessidades.

5. Planeje uma resposta

- Como grupo, priorize as principais necessidades.
- Identifique os recursos disponíveis para atender a essas necessidades (Igreja, governo, ONGs).
- Decidir quem será responsável por diferentes partes da resposta.
- Decida onde/quando a resposta será iniciada, assim como a ordem das diferentes atividades.
- Decida dónde/cuándo se iniciará la respuesta y el orden de las diferentes actividades.

FERRAMENTA 19: Lista de verificação de avaliação de recuperação

1 Qual é o número estimado de pessoas afetadas por este desastre?

Famílias _____
Crianças menores de cinco anos _____
Meninos 6-14 anos _____
Meninas 6-14 anos _____
Adultos do sexo masculino _____
Adultos do sexo feminino _____
TOTAL _____

2 Quantas pessoas morreram?

Crianças menores de cinco anos _____
Meninos 6-14 anos _____
Meninas 6-14 anos _____
Adultos do sexo masculino _____
Adultos do sexo feminino _____
TOTAL _____

3 Quantas pessoas estão feridas?

Crianças menores de cinco anos _____
Meninos 6-14 anos _____
Meninas 6-14 anos _____
Adultos do sexo masculino _____
Adultos do sexo feminino _____
TOTAL _____

4 Quem são os mais vulneráveis?

Idosos _____
Pessoas com necessidades especiais _____
Doentes de longo prazo _____
Mulheres grávidas _____
Outros _____
TOTAL _____

5 Quais são as lesões/doenças mais comuns causadas pelo desastre?

6 Danos a moradias como resultado deste desastre

Quantas foram parcialmente danificadas? _____
Quantas foram totalmente destruídas? _____

7 Disponibilidade de alimentos

Quantas famílias estão sem comida? _____
Há alimentos a preços acessíveis nos mercados locais? _____
Há suprimentos de emergência à disposição? _____
Onde? _____

8 Disponibilidade de água/sanitários/saneamento

Quantas famílias estão sem água? _____
Quantas famílias estão sem banheiros? _____
Quão distante fica a água potável mais próxima? _____
Quantos precisam de recipientes de água? _____

9 Disponibilidade de assistência imediata

Há grupos que estão completamente desligados da assistência?

Que tipo de assistência é proveniente de fontes do governo/ONGs ou outras igrejas e quem irá se beneficiar da assistência?

Quais instalações de saúde estão disponíveis?

Existe risco de um desastre no futuro próximo? (Por exemplo, tremores, inundações)

Como é que o desastre tem afetado a subsistência e a capacidade de voltar ao trabalho? (Por exemplo, agricultura, pesca)

Como é que o desastre tem afetado o sistema educativo?

HISTÓRIAS DE CAMPO

Avaliação das Necessidades no Brasil

por Sandra Andrade



Em Palmares, Brasil, uma tempestade provocou o transbordamento do rio Una e inundou pelo menos oito bairros, deixando 12 mil pessoas desabrigadas.

A Diocese Anglicana do Recife decidiu ajudar as vítimas da enchente e reuniu uma comissão de clérigos e líderes leigos. Isto é o que fizemos:

- Descobrimos quais foram os danos e divulgamos as consequências do desastre. Visitamos muitas áreas para ver os danos e escrevemos um relatório sobre o assunto. Também tiramos fotos, que foram postadas no nosso site para que outras organizações soubessem qual havia sido o impacto.
- Registramos famílias que iam precisar de ajuda. As igrejas locais nos ajudaram.
- Soubemos pelas próprias comunidades quais eram suas necessidades e quais tipos de serviços já estavam disponíveis.
- Identificamos lacunas no abrigo e na alimentação e fornecemos esses itens.

CENTRAL 4

Resposta
a Desastres

PADRÃO 6

Atividades
de Socorro



FERRAMENTA 20:

Princípios Centrais

O que é isso?

As organizações humanitárias ao redor do mundo chegaram a um acordo sobre e estabeleceram princípios para as atividades de resposta a desastres.

Por que usá-la?

Esses princípios centrais são concebidos para promover uma resposta que seja imparcial e profissional. Embora as igrejas anglicanas e as agências da igreja possam não ser sempre capazes de alcançar os padrões globais, elas ainda devem se familiarizar com as melhores práticas.

Como usá-la?

A Cruz Vermelha e a Meia-Lua Vermelha, assim como mais de 400 ONGs, compartilham um Código Humanitário de Conduta, que orienta as decisões sobre a forma como os fundos de emergência são usados. O Código de Conduta reflete, basicamente, os valores cristãos de serviço para qualquer pessoa que o precise, independentemente de quem seja ou onde esteja localizada. Não podemos escolher favorecer determinados grupos, por exemplo, os trabalhadores da igreja. Devemos servir os outros sem pedir ou esperar nada em troca. Nossas atitudes devem refletir nossa experiência e conhecimento entre as pessoas afetadas, pois elas trazem as principais contribuições para a resposta a desastres. Isto inclui a não publicação de fotos que mostrem pessoas em situações pouco dignas e sem esperança. Aqueles que recebem assistência devem ser envolvidos na gestão de como a ajuda é distribuída.

Recuerde que la Biblia es nuestro Código de Conducta:

“No hay judío ni griego; no hay esclavo ni libre; no hay hombre ni mujer; porque todos sois uno en Cristo Jesús.”

Gálatas 3:28

É importante estar ciente desses dez princípios:

1. O imperativo humanitário vem em primeiro lugar.
2. Ofereça apoio, independentemente da raça, credo, religião ou nacionalidade dos destinatários e sem qualquer tipo de discriminação. Calcule as prioridades de ajuda com base apenas nas necessidades.
3. Não use a ajuda para favorecer uma determinada posição política ou religiosa.
4. Faremos todos os esforços para não agir como instrumentos da política externa do governo.
5. Respeitaremos a cultura e os costumes.
6. Tentaremos construir as respostas a desastres sobre as capacidades locais.
7. Encontre maneiras de envolver os participantes do programa na gestão da ajuda humanitária.
8. A ajuda humanitária deve se esforçar para reduzir as vulnerabilidades futuras a desastres, bem como satisfazer as necessidades básicas.
9. Colocamos-nos como responsáveis perante aqueles que procuramos ajudar e perante aqueles de quem aceitamos recursos.
10. Em nossas atividades de comunicação, publicidade e propaganda, reconheceremos as vítimas de desastres como seres humanos dignos e não como objetos sem esperança.

Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Sri Lanka, Sudão do Sul
Referências: The Sphere Project (2011). *The Sphere Handbook*.

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 21: Folhas de dicas temáticas, Ferramenta 1: Servindo à comunidade mais ampla



FERRAMENTA 21:

Folhas de
Dicas Temáticas**O que é isso?**

As organizações humanitárias têm estabelecido padrões mínimos para atividades de resposta a desastres.

Por que usá-la?

Os padrões mínimos são as diretrizes gerais que atendem às necessidades mais urgentes da população afetada. Qualquer resposta deve atender a essas necessidades temáticas.

Como usá-la?

O Projeto Esfera é uma iniciativa voluntária que reúne um amplo leque de agências humanitárias em torno de objetivos comuns – melhorar a qualidade da assistência humanitária e a responsabilidade dos agentes humanitários perante seus constituintes, doadores e populações afetadas. *O Manual Esfera* é um dos conjuntos de princípios comuns e padrões mínimos universais nas áreas de resposta humanitária mais conhecidos e reconhecidos internacionalmente, a ser aplicado para salvar vidas em situações de resposta humanitária. Seus padrões incluem:

1. Resposta humanitária centrada nas pessoas

A capacidade e as estratégias das pessoas para sobreviverem com dignidade são essenciais para a concepção e abordagem de resposta humanitária.

2. Coordenação e colaboração

A resposta humanitária é planejada e executada em coordenação com as autoridades competentes, agências humanitárias e organizações da sociedade civil envolvidas em ação humanitária imparcial, trabalhando em conjunto para obter níveis máximos de eficiência, cobertura e eficácia.

3. Avaliação

As necessidades prioritárias das populações afetadas por desastres são identificadas por meio de uma avaliação sistemática do contexto e dos riscos para a vida, buscando o equilíbrio com a dignidade e a capacidade das pessoas afetadas e das autoridades competentes para responder.

4. Concepção e resposta

A resposta humanitária satisfaz as necessidades avaliadas da população afetada pelo desastre em relação ao contexto, os riscos enfrentados e a capacidade das pessoas afetadas e do Estado para enfrentar a situação e se recuperar.

5. Desempenho, transparência e aprendizagem

O desempenho das agências humanitárias é continuamente analisado e comunicado aos pessoas interessadas. Os projetos são adaptados em resposta ao desempenho.

6. Desempenho do trabalhador de auxílio

As agências humanitárias fornecem gestão, suporte de supervisão e psicossocial adequados, permitindo que os trabalhadores humanitários tenham o conhecimento, habilidades, comportamentos e atitudes para planejar e implementar uma resposta humanitária eficaz e respeitosa.

Nós simplificamos os Padrões Esfera para adequá-los à experiência, compreensão e alcance das igrejas anglicanas e agências da igreja. Os Padrões Esfera não estão sendo substituídos, mas nós criamos três folhas de dicas temáticas simplificadas, que não apenas servem como ferramentas para o contexto anglicano, mas também como um passo inicial em direção à meta de longo prazo de atender os Padrões Esfera de maneira mais abrangente.

Folhas de dicas temáticas simplificadas, com base nos Padrões Esfera

1. Padrões mínimos de abastecimento de água, saneamento e promoção da higiene.
2. Padrões mínimos de segurança alimentar e nutricional.
3. Padrões mínimos de abrigo, assentamento e produtos não alimentares.

Folha de dicas nº 1

Água, saneamento e promoção de higiene (WASH)

Manter a água limpa e manter as pessoas e a comida limpas é muito importante. Caso contrário, as pessoas ficam doentes e os bebês e os idosos podem sofrer e morrer. Nos tempos de desastre, devemos fazer esforços muito grandes para garantir que as pessoas tenham água limpa, além de maneiras delas mesmas se manterem limpas e de manter sua comida limpa. Existem diretrizes a serem seguidas, que a maioria das organizações internacionais acreditam e usam, com relação à água potável, o saneamento e a higiene, também conhecidas como WASH.

Água

Um dos princípios mais importantes que as comunidades internacionais seguem é *que todas as pessoas tenham acesso equitativo e seguro a uma quantidade suficiente de água para beber, cozinhar e realizar sua higiene pessoal e doméstica. Os pontos de água públicos estão o suficientemente perto das famílias como para permitir a utilização da água conforme os requisitos mínimos. A água é palatável e vem em quantidade suficiente... Sem causar risco para a saúde.*¹

- Consulte mulheres e homens separadamente para identificar os horários mais adequados para a distribuição de água.
- As pessoas precisam de 15 litros por pessoa e ao dia para beber, cozinhar e lavar roupa. A fonte de água deve ficar a não mais de 500 metros de qualquer casa. O tempo de espera em uma fonte de água não deve ser superior a 30 minutos.
- Implemente todas as medidas necessárias para minimizar a contaminação da água e realize o tratamento da água, se necessário. Um indicador-chave é que não haja coliformes fecais por 100 ml de água no ponto de entrega e uso.

Eliminação de excretas

Uma das principais ações a tomar para eliminar o risco de contaminação da água e a geração de surtos de doenças graves é o tratamento adequado das excretas humanas. *O ambiente de vida em geral e, especificamente, o habitat, a produção de alimentos, os centros públicos e os entornos de fontes de água potável devem estar livres de contaminação por fezes humanas. As pessoas devem contar com instalações sanitárias adequadas, apropriadas e aceitáveis, suficientemente perto de suas casas para permitir o acesso rápido, protegido e seguro em todos os momentos, dia e noite.*²

- São tomadas medidas imediatas para estabelecer passos adequados de contenção das excretas. As comunidades devem ser educadas imediatamente sobre a eliminação segura de dejetos e a utilização de instalações adequadas.
- As latrinas, fossas, valas e sanitários devem estar a 30 metros das fontes de água e o fundo das fossas deve estar 1,5 metros acima da água subterrânea. Os banheiros devem ser concebidos de tal forma que sejam seguros para todas as pessoas, incluindo crianças e pessoas com deficiência, assim como para minimizar as ameaças. A segurança e

privacidade das mulheres e meninas durante o dia e a noite devem ser consideradas com cuidado na concepção e colocação dos banheiros.

- Os banheiros devem ser utilizados por não mais de 20 pessoas, com sanitários trancáveis internamente e separados para homens e mulheres.

Folha de dicas nº 2

Segurança alimentar e nutricional

Um dos princípios fundamentais que as ONGs internacionais seguem é dar comida de graça quando as pesquisas deixam claro que é necessário fornecer alimentos gratuitamente para as pessoas que mais os necessitam. A doação de comida é interrompida quando as pessoas já se recuperaram o suficiente para produzir ou fornecer sua própria comida. Algumas pessoas – como crianças ou idosos – podem precisar de doações de alimentos por períodos mais longos do que outras pessoas, como os adultos que trabalham.

*É importante assegurar que as necessidades nutricionais da população afetada pelo desastre, incluindo as pessoas mais em risco, sejam atendidas e que os itens de alimentos fornecidos sejam adequados e aceitáveis para os beneficiários, de modo que eles possam ser usados de forma eficiente e eficaz pelas famílias.*³

Isto significa que a comida deve ser suficiente com relação ao que as pessoas precisam para se manterem saudáveis e que o alimento oferecido deve ser do tipo certo. Por exemplo, enquanto todo mundo pode gostar de beber um refrigerante, como a Coca-Cola, esse tipo de comida não ajuda as pessoas se manterem saudáveis. As ações-chave recomendadas incluem:

- Certifique-se de que a comida é familiar para as pessoas e que elas gostam dela. Certifique-se de que tem valor nutritivo e não faz mal. Esteja ciente de que alimentos que exijam a mistura com água ou longos tempos de cozimento provavelmente devem ser evitados.
- Certifique-se de que há um lugar seguro para armazenar os alimentos e cozinhar. Isto é tanto por razões de saúde quanto para evitar fazer coisas que causem danos ao meio ambiente, tais como cozinhar alimentos por períodos longos usando lenha.
- Nunca deve ser distribuído leite. Isto inclui leite em pó, fórmula, leite líquido ou produtos lácteos, por razões graves de saúde.
- Lembre-se das exigências nutricionais e use-as como uma forma de pensar sobre quais alimentos oferecer às pessoas: 2.100 kcal/pessoa/dia, 10 por cento do total da energia fornecida pela proteína e 17 por cento do total da energia fornecida pela gordura.
- Ao pensar sobre as necessidades alimentares de uma população, lembre-se de considerar os idosos, as pessoas com HIV, pessoas com necessidades especiais e crianças desacompanhadas.

¹ The Sphere Project: Water Supply Standards 1 e 2

² The Sphere Project: Excreta Disposal Standards 1 e 2

³ The Sphere Project: Sphere Food Security–Food Transfer Standards 1 e 2

Abrigo

Quando acontecem desastres ou emergências e as pessoas não podem viver em suas casas, muitas organizações fornecem algum tipo de abrigo, que vai durar um pouco ou muito tempo. Há muita coisa a considerar quanto a fornecer abrigos. Eles não apenas têm que manter as pessoas seguras e protegidas, mas também não devem colocar as mulheres e crianças em situações de vulnerabilidade ou ser prejudiciais para o meio ambiente. Priorize as famílias chefiadas por mulheres, pois as mulheres chefes de família são mais propensas a estarem em situação de pobreza, viver em condições inadequadas e desempenhar múltiplos papéis dentro da família.

*As estratégias de abrigo e assentamento contribuem para a segurança, proteção, saúde e bem-estar das populações afetadas, tanto deslocadas quanto não deslocadas, e promovem a recuperação e a reconstrução, sempre que possível. As pessoas devem ter suficiente espaço coberto, que proporcione conforto térmico, ar fresco e proteção do clima; garanta a privacidade, a segurança e a saúde; e permita os meios de subsistência essenciais das famílias.*⁴

As ações-chave recomendadas incluem:

Tipos de assistência de abrigo

O primeiro passo é descobrir quais são as necessidades das pessoas. As pessoas podem precisar de coisas como itens pessoais, por exemplo, roupas e roupas de cama,

acessórios de cozinha, fogões e combustível. Para situações muito temporárias, os abrigos podem ser tendas ou lonas de plástico (lembre-se de dar às pessoas ferramentas em caso de que sejam usadas folhas de plástico) ou materiais pré-fabricados. Também pode ser dado dinheiro para que as pessoas paguem pelo abrigo, caso essa opção esteja disponível. Se nem todos os materiais são fornecidos, considere o impacto sobre o meio ambiente, caso as pessoas sejam obrigadas a encontrar os materiais faltantes, tais como estacas para segurar as folhas de plástico.

Atividades familiares e de subsistência

O abrigo deve ser coberto o suficiente para ter espaço para as seguintes atividades: dormir; lavar; vestir; cuidado de bebês, crianças e idosos; e espaço para posses. Em climas chuvosos ou frios, considere o espaço para cozinhar e comer sob o abrigo.

Práticas Culturais, segurança e privacidade

Certifique-se de que você está considerando o modo como às famílias se organizam para dormir e cuidar das necessidades pessoais. Qual espaço é necessário no abrigo para que as mulheres e outros tenham um lugar privado para se vestir e se lavar?

Projeto participativo

É altamente recomendável perguntar às pessoas que vão utilizar os abrigos o que gostariam que tivesse no abrigo, como elas iriam usar o abrigo, o que as faria se sentirem seguras e terem privacidade suficiente. São cometidos erros quando não se pergunta às pessoas que vão utilizar o abrigo por suas ideias e necessidades.

⁴ The Sphere Project: Sphere Shelter and Settlement Standards 1 e 3

HISTÓRIAS DE CAMPO**Planejamento de Socorro em Sri Lanka**

por Hilary Wirasinha



Chuvvas de monção torrenciais atingiram Sri Lanka no final de dezembro de 2010, causando grandes inundações. Alguns relatos disseram que foram as piores em mais de cem anos. Mais de um milhão de pessoas foram afetadas. Enquanto os esforços de socorro estavam ajudando a produzir uma mudança para a recuperação, aconteceu uma segunda rodada de inundações.

O que fizemos? Antes de enviar ajuda, criamos uma forma de analisar as necessidades das comunidades que decidimos que poderíamos ajudar. Pedimos as seguintes informações ao clero e aos líderes leigos das paróquias:

- Identificação da área ou comunidade
- Rápido levantamento do número de famílias e pessoas afetadas
- Identificação dos requisitos
- Identificação dos recursos disponíveis (trabalho, alimentação, transporte)
- Período durante o qual seria necessária a assistência
- Orçamento estimado

Ao todo, cerca de 1.800 famílias foram assistidas durante esta fase da nossa resposta.

Mais tarde, uma equipe em uma missão de avaliação visitou todas as áreas afetadas, conversou com as pessoas e fez um levantamento das pessoas afetadas por danos causados pelas inundações aos abrigos e meios de subsistência. A intenção era que fosse uma ação de acompanhamento. Finalmente, em março, um subcomitê voltou a pesquisar sobre a reabilitação das casas danificadas e a recuperação dos meios de subsistência.

CENTRAL 4

Resposta
a Desastres

PADRÃO 6

Atividades
de Socorro



FERRAMENTA 22:

Redução dos Riscos no Socorro e Recuperação de Desastres

O que é isso?

Diretrizes sobre a inclusão de atividades de redução de riscos de desastres nas fases de recuperação e reabilitação.

Por que usá-la?

Incluir atividades para reduzir o impacto de desastres enquanto você também está trabalhando em esforços de resposta irá ajudar uma comunidade a estar melhor preparada para a próxima catástrofe.

Como usá-la?

Quando estamos envolvidos em atividades de recuperação e reabilitação de longo prazo (como a construção de casas, a criação de sistemas de saúde da aldeia, a reparação das fontes de água etc.), é fundamental que os riscos de desastres dessas atividades sejam analisados e tratados. Algumas diretrizes para este processo incluem:

1. Analise a situação

Explore o papel dos perigos na comunidade e os riscos ligados aos mecanismos de recuperação.

2. Defina os objetivos de recuperação de longo prazo

Determine se e como transformar a gestão dos riscos de desastres em objetivos-chave de longo prazo.

3. Priorize a ação pública para a recuperação em longo prazo

Considere ações que possam reduzir a vulnerabilidade aos riscos na concepção de um plano de recuperação.

4. Estabeleça procedimentos de monitorização e avaliação

Inclua a gestão dos riscos de desastres em metas de longo prazo e indicadores relevantes. Em particular, levante os impactos das iniciativas relacionadas à população afetada e à vulnerabilidade reduzida, ao invés de perdas reduzidas.

5. Implemente, avalie e obtenha opinião

Revise os resultados e deficiências da gestão de riscos de desastres, incluindo a adequação da análise inicial dos riscos de desastres.

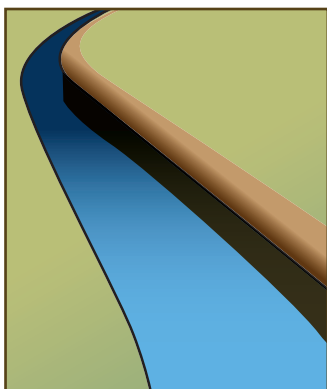
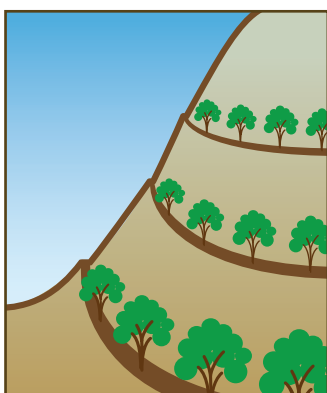
Alguns exemplos de atividades de RRD, filtradas por risco, incluem:

Inundações

- Eleve o armazenamento de comida e água
- Melhore os projetos de casas e os edifícios da igreja comumente usados como abrigos
- Plante árvores, especialmente em encostas e aterros
- Realize treinamentos sobre como melhorar as habilidades de lavoura e de como lidar com inundações
- Desenvolva um calendário de plantio
- Desenvolva infraestrutura para a prevenção de riscos (isto é, barragens, diques, etc.)

Deslizamentos de terra

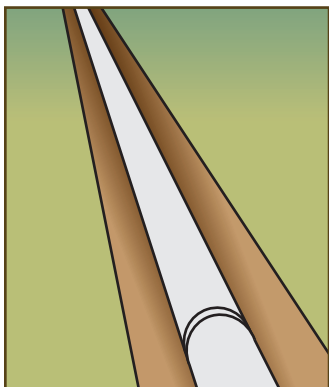
- Cave drenos para tempestade para desviar a água da chuva das encostas
- Construa muros baixos ao longo do contorno do aterro
- Evite cortar encostas para construção civil e evite áreas propensas a deslizamentos de terra para a infraestrutura de água e tubulações
- Use materiais à prova de vazamentos, elementos e materiais à prova de água em áreas de deslizamentos de terra



Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo em Burundi, China, El Salvador, Filipinas, Sri Lanka
Referências: Venton P e Hansford R (2006). ROOTS 9: *Reducing Risk of Disaster in Our Communities*, Tearfund.

PRÓXIMO PASSO: Planilha de Avaliação de Capacidade (Para reavaliar a capacidade)

FERRAMENTA 22: Na Oficina



Vendavais

- Use métodos aperfeiçoados de construção de casas, telhados e janelas
- Plante árvores para formar cintos de abrigo ou culturas que cresçam fora da temporada de vendavais
- Cave e limpe regularmente os bueiros
- Construa uma infraestrutura hídrica segura com relação a tufões/ventos (tubulações, reservatórios, poços, latrinas)

Terremotos

- Construa novas casas de acordo com projetos antissísmicos; use materiais de cobertura leves
- Reforce edifícios existentes para dar força extra
- Evite construir em encostas ou em áreas propensas a deslizamentos de terra
- Forneça tecnologia de cultivo resistente a terremotos. Por exemplo, sistemas de drenagem antissísmicos e métodos de terra armada para encostas e muros de contenção
- Construa instalações de armazenamento e abrigos para gado resistentes a terremotos

Seca

- Construa sistemas de irrigação de pequena escala com bombas de pé ou de tração animal
- Plante tipos de culturas ou variedades de culturas resistentes à seca ou empregue padrões alternativos
- Desenvolva sistemas de lagoas para retenção de água
- Melhore as técnicas de uso da terra para a agricultura e a pecuária
- Desenvolva sistemas de reservatórios naturais

Conflito

- Mantenha uma Igreja imparcial e seja visível nos esforços de defesa de direitos e consolidação da paz
- Desenvolva relações com lojas e empresas para garantir múltiplas rotas de abastecimento
- Treine comitês de paz e reconciliação em áreas específicas

HISTÓRIAS DE CAMPO

Resposta a Ciclone em Mianmar

por U San Lin



Em 2008, um ciclone mortal passou pelo delta de Mianmar, devastando a vida das pessoas de muitas cidades e vilas. Nossa Igreja reuniu voluntários, e, a fim de descobrir como eles poderiam trazer alívio para aqueles afetados, partiu em direção ao delta, onde um número de paroquianos havia sofrido.

O trabalho que fizemos ao longo dos próximos dois anos realmente fez a diferença para esses moradores. Nós fornecemos mais de 200 casas para os paroquianos e para pessoas que não eram da nossa paróquia que tinham perdido tudo no ciclone. Adotamos essas aldeias e fornecemos serviços integrados

Uma mulher disse: “Temos vivido em bambu e cabanas de palha todas as nossas vidas. Nunca em nossos sonhos imaginamos que iríamos viver em uma casa de madeira como esta. Obrigada.”

Também olhamos para o problema da água e ajudamos com o fornecimento de três tanques de água de 5 mil litros. Construímos tanques de água sólidos o suficiente como para resistir a tempestades futuras. Então, pensamos: Como as pessoas vão ganhar a vida, sendo que perderam tanto? Por isso, ajudamos com os esforços de subsistência da pesca, tais como a distribuição de barcos e redes. Facilitamos a propriedade partilha dos barcos para garantir que os sistemas comunitários fossem reforçados. Também construímos casas, mas usamos materiais mais fortes e as elevamos, para suportar futuras inundações. Também reconstruímos nossas igrejas na área com bases fortes e vigas no teto, de modo que pudessem ser usadas como abrigos de evacuação.

CENTRAL 4

Resposta
a Desastres

PADRÃO 8

Atenção
à Equipe



FERRAMENTA 23:

Política de Cuidados da Equipe

O que é isso?

Uma lista de verificação para estabelecer uma política endossada para cuidar da equipe e sacerdotes envolvidos no trabalho de socorro.

Por que usá-la?

Para compartilhar o fardo de coordenar, facilitar e implementar uma resposta, é importante certificar-se de que há apoio e recursos suficientes para o clero e a equipe encarregados de tal responsabilidade.

Como usá-la?

Depois de desastres, o papel da igreja no sentido de facilitar uma resposta e servir a comunidade é interminável. De imediato procura-se atender as necessidades imediatas de água e alimentos, ajudando com roupas e abrigo, ajudando as pessoas a lutarem com perguntas sobre por que ocorrem tais eventos ou, no longo prazo, apoiando a recuperação emocional e espiritual, tal assistência não vem sem um preço. Em muitos contextos, o clero nas principais áreas de desastre experimenta uma alta rotatividade após desastres. Em primeiro lugar, o clero percebe o serviço ao necessitado como sua vocação, mas, muitas vezes, assume o papel de “Superman”, extrapola-se fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. O resultado varia de exaustão a fadiga ou perda de fé pessoal – prejudicando sua capacidade de continuar apoiando pessoas afetadas ou suas congregações – a conflitos com suas congregações, problemas conjugais ou familiares, abuso de substâncias e até mesmo suicídio.

Diretrizes para o estabelecimento de uma política de cuidado com a equipe

1. Reúna-se com o seu bispo ou arcebispo para oferecer algum subsídio sobre a necessidade de uma política.
2. Certifique-se de que sejam formados comitês de socorro após um desastre, para compartilhar as responsabilidades.
3. Separe horários regulares para se reunir com a equipe e voluntários dedicados, para permitir a delegação de tarefas.
4. Arranje tempo sabático: diária, semanal, mensal e anualmente.
5. Certifique-se de que os sacerdotes e a equipe priorizem as relações sociais pessoais para manter o equilíbrio.
6. Identifique os recursos humanos da igreja que fornecerão terapia pastoral (padres aposentados ou bispos).
7. Identifique os recursos profissionais para aconselhamento psicossocial e estabeleça um orçamento.
8. Estabeleça diretrizes para “verificações regulares” regulares, com sacerdotes e funcionários, com um conselheiro espiritual.
9. Estabeleça diretrizes sobre oportunidades regulares para que sacerdotes e funcionários tenham acesso à terapia pastoral ou profissional.

Ferramentas Históricas: Desenvolvida e testada em campo em: El Salvador, Ilhas Salomão, Sri Lanka

PRÓXIMO PASSO: Ferramenta 24: Reconhecer e gerenciar o estresse

CENTRAL 4

Resposta
a Desastres

PADRÃO 8

Cuidado
da Equipe



FERRAMENTA 24:

Reconhecer e Gerenciar o Estresse

O que é isso?

Um exercício para reconhecer o estresse em nós mesmos e em nossos colegas de trabalho e para cultivar habilidades e mecanismos de enfrentamento para gerenciar o estresse.

Por que usá-la?

O estresse causado por desastres torna a vida das pessoas ainda mais desafiadora do que já era. O estresse nos afeta fisicamente, emocionalmente e socialmente, o que torna difícil nos concentrarmos nas coisas que precisamos fazer. Enquanto muitas vezes somos surpreendidos com a adaptabilidade e resiliência das pessoas e trabalhadores humanitários que estão respondendo a desastres, todo mundo precisa de ajuda extra para gerenciar o estresse em tempos de desastre.

É útil para os planejadores em nível diocesano/central reconhecer o acúmulo de estresse e tensão, e introduzir o cuidado da equipe e de si mesmos em seu planejamento. É igualmente importante para os trabalhadores de assistência e voluntários se sentirem 'apreciados,' 'reconhecidos' e 'elogiados' pela sua dedicação e trabalho duro, assim como receber o reconhecimento devido.

Como usá-la?

Siga estes passos para identificar sinais de estresse em si mesmo ou nos outros e identificar técnicas específicas que possam ajudar na gestão do estresse. Este exercício pode ser feito em um grupo, como o Comitê de RRD.

Discussão
para o workshop

1. O que é o estresse?

Explique: Alguns especialistas dizem que o estresse é o equilíbrio entre o que você tem que fazer e os recursos que você tem para fazê-lo. Podemos experimentar o estresse quando sentimos que não temos suficiente tempo, dinheiro, energia, ideias, pessoas ou apoio para fazer as coisas que precisam ser feitas. O estresse também pode ser descrito como uma resposta física normal a eventos que se sentem como ameaçadores ou que perturbam o equilíbrio normal das coisas de alguma forma.

2. Quais são algumas das coisas que você vê ou nota quando você ou alguém está estressado?

Explique: Não é vergonhoso se sentir estressado. Especialmente em momentos de emergência, vamos estar estressados e podemos nos ajudar uns aos outros. O estresse nos afeta em muitos níveis: Físico, Emocional, Racional (processos de pensamento), Comportamental e Espiritual. Revise a lista que você fez e identifique quais estão representados na lista. **Ejemplos:** Ser impaciente; irritar-se facilmente; ser incapaz de dormir; dormir demais; beber muito; retirar-se de relações significativas; pessimismo, etc.

3. Quais são algumas ideias sobre a melhor forma de gerenciar o estresse ou de ajudar alguém a atravessar um período de estresse?

Explique: Não há nada de vergonhoso ou negativo para qualquer um de nós em acharmos que estamos estressados. Especialmente em momentos de emergência, vamos estar estressados e podemos nos ajudar uns aos outros. Identifique, com o grupo, algumas ideias para gerenciar o estresse. **Ejemplos:** Fale com um amigo/pastor/supervisor e compartilhe sentimentos e orem juntos; tenha tempo livre para recreação física (ou seja, futebol, voleibol, críquete ou qualquer outro exercício); ouça música suave; pratique técnicas de relaxamento (ou seja, ioga, meditação e exercícios de respiração; participe de caminhadas para lugares suaves e calmos (ex., praia, caminhos de montanha)).

FERRAMENTA 24: Na Oficina

Peça ao grupo que faça uma lista das causas e sintomas de estresse. Escreva todas as respostas em um papel grande. Peça a voluntários que compartilhem um exemplo de como usaram uma ferramenta de enfrentamento ou identifique onde eles poderiam usar uma técnica em seu contexto atual.

Reações Físicas	Fadiga estendida, queixas físicas, dores de cabeça, distúrbios do sono, alterações do apetite
Reações Emocionais	Ansiedade, sentir-se alienado dos outros, desejo de estar sozinho, negativismo/cinismo, desconfiança/paranoia, depressão/tristeza crônica, sentir-se pressionado, oprimido, prazer diminuído, perda do senso de humor
Reações do Pensamento	Cansado de pensar, pensamento obsessivo, dificuldade de concentração, aumento da distração, desatenção, problemas com decisões e/ou prioridades, sentir-se indispensável, obsessões, tolerância diminuída à ambiguidade, pensamento restrito, pensamento rígido/inflexível
Reações Comportamentais	Irritabilidade, deslocamento da raiva/culpar os outros, a relutância em iniciar ou terminar tarefas
Reações Filosóficas/ Espirituais	Dúvida do sistema de valores/crenças religiosas, questionamento das principais áreas da vida (profissão, emprego, estilo de vida), sentir-se ameaçado e vitimado, desilusão, autopreocupação

FERRAMENTA 24: Na Oficina

17 coisas que você pode fazer para gerenciar o estresse

1. Evitar ou limitar o tempo com pessoas que causem estresse adicional.
2. Gerencie seu ambiente. Se as notícias o deixam ansioso, tente evitar ouvi-las ou entrar em discussões políticas.
3. Faça uma lista de prioridades. Anote as coisas que DEVEM ser feitas em cima e as coisas menos importantes mais em baixo, e siga a lista.
4. Expresse sentimentos em vez de engarrafá-los. Se algo ou alguém está incomodando, comunique suas preocupações de uma forma aberta e respeitosa.
5. Esteja disposto a fazer concessões. Quando pedir a alguém para mudar o seu comportamento, esteja disposto a fazer o mesmo. Se ambos estiverem dispostos a ceder, pelo menos um pouco, você terá uma boa chance de encontrar um meio termo feliz.
6. Ajuste seus padrões. Não tente ser sempre perfeito no que faz, especificamente numa situação de desastre. Defina pra si próprio padrões razoáveis.
7. Pratique exercícios. Saia para uma caminhada lenta. Alongue ou faça alguns movimentos de exercícios, como polichinelos no lugar ou movimentos de ioga.
8. Concentre-se no positivo. Tome um momento para refletir sobre todas as coisas que você aprecia em sua vida. No final de cada dia, anote três coisas que correram bem naquele dia.
9. Não tente controlar o incontrolável. Muitas coisas na vida estão além do nosso controle – particularmente, o comportamento de outras pessoas. Concentre-se nas coisas que você pode controlar. Por exemplo, como você escolhe reagir a situações e problemas.
10. Aprenda a perdoar. Aceite o fato de que vivemos em um mundo imperfeito e de que as pessoas cometem erros. Deixe de lado a raiva e os ressentimentos. Liberte-se da energia negativa por meio do perdão e siga em frente.
11. Conecte-se com os outros. Passe tempo com pessoas positivas que melhorem a sua vida.
12. Separe tempo para a oração ou a meditação. Pelo menos cinco minutos por dia para meditar ou rezar vão ajudar a trazer calma para a sua sensação de bem-estar.
13. Mantenha seu senso de humor. Isso inclui a capacidade de rir de si mesmo e das situações. O riso ajuda a reduzir o estresse e melhora a saúde em geral.
14. Faça uma dieta saudável.
15. Reduza a ingestão de cafeína (chá/café) e de açúcar.
16. Evite bebidas alcoólicas, cigarros e drogas.
17. Durma o suficiente. O sono adequado é um combustível para sua mente, bem como seu corpo. Sentir-se cansado aumentará seu estresse, pois pode fazer com que você pense de forma irracional.

Conclua a atividade pedindo a cada um que compartilhe uma coisa que pode fazer para reduzir seu estresse e uma coisa que pode fazer para ajudar alguém a administrar seu estresse. Você também pode identificar como o grupo pode trabalhar em conjunto sobre as estratégias de redução do estresse.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados lida com altos níveis de estresse a cada dia e isto é o que eles dizem:

“Identifique e dê apoio aos membros das equipes vulneráveis, que de repente podem mostrar múltiplos sinais de estresse. Esteja preparado para fornecer assistência imediata na forma de uma ruptura com o apoio imediato, um breve descanso e alívio, uma chance de falar sobre o que está incomodando a pessoa.”

SEÇÃO 6

Estudos de Caso

Estudo de Caso nº 1:

Aquisição de Suprimentos de Alimentos

Igreja Episcopal do Sudão do Sul e Sudão e SUDRA



A Igreja do Sudão do Sul e Sudão ilustra a força da Igreja, com sua longa história de mobilização de voluntários e recursos da Igreja, para dar apoio às pessoas vulneráveis em tempos de emergência, por meio do desenvolvimento de sistemas de redução de riscos para responder a uma crise humanitária.

Após a aprovação do Comitê de Crise de Emergência em nível provincial, a Igreja supervisionou a aquisição de suprimentos de alimentos. Um anúncio de licitação foi colocado nos jornais. Das 20 propostas recebidas, foi selecionada uma pequena lista de três fornecedores. O preço foi o principal fator determinante, embora outras considerações incluíssem a capacidade do fornecedor para fazer a entrega imediata, o histórico do fornecedor junto à SUDRA (o departamento de socorro provincial) e se o fornecedor poderia fornecer vários itens ou não. O comitê, em seguida, visitou os três fornecedores para garantir a qualidade dos produtos, a qualidade dos veículos de entrega e a viabilidade global da operação.

Finalmente, foi selecionado um fornecedor e a SUDRA desenvolveu um contrato que incluía cláusulas para a substituição de todos os itens que fossem considerados inadequados. O contrato estipulava que metade do pagamento acordado fosse fornecido na retirada do carregamento e a outra metade na entrega segura dos itens. O contrato também estipulou a responsabilidade do proprietário do veículo com relação a itens perdidos ou danificados, onde o dano fosse o resultado de negligência do proprietário do veículo.

No momento da entrega, e antes de mandar o carregamento para Awerial, a equipe da SUDRA verificou pelo menos cinco por cento dos itens alimentares, checando a qualidade e sinais de danos ou infestação, bem como garantiu que a data de validade de cada bolsa fosse posterior ao fim do projeto. Não tivemos nenhum problema, embora os nossos procedimentos indicassem que quaisquer itens problemáticos seriam substituídos imediatamente e que, se uma parte significativa dos elementos verificados in loco fossem considerados inadequados, o contrato seria cancelado e outro fornecedor seria selecionado entre aqueles que já haviam apresentado lances. A equipe da SUDRA acompanhou o carregamento até Awerial.

Uma vez que chegamos a Awerial, os bens foram descarregados sob a supervisão da equipe da Diocese local de Awerial. A equipe supervisionou a contagem de todos os itens, que foi comparada com a documentação no momento do embarque, em Juba.

Uma vez descarregados, os itens foram armazenados dentro de propriedade da Igreja em um lugar com pisos de concreto. O acesso a estes armazéns foi controlado pelo coordenador de Emergência da Diocese. Como a resposta em Awerial incluía cozinhar os alimentos em nove locais diferentes, alguns dos itens foram imediatamente distribuídos à pessoa supervisora do local, que era geralmente uma liderança da Mothers' Union.

A Mothers' Union mobilizou equipes para preparar, cozinhar e distribuir os alimentos em cada um dos nove locais. O alimento cozinhado foi preparado para fornecer cerca da metade necessária da ingestão de alimentos de uma criança – 644 calorias. Determinou-se que a maioria das crianças tinham acesso a uma refeição por dia a partir de outras fontes e deveriam conseguir adquirir o resto de suas necessidades nutricionais de outras fontes, tais como amigos ou cuidadores voluntários, família ou outros programas de alimentação.

As equipes diocesanas, juntamente com os membros da comunidade de PDI, selecionaram os 3 mil participantes com base na necessidade e vulnerabilidade, dando prioridade para as crianças que chegaram a Awerial sem pais ou responsáveis, principalmente para crianças com menos de 5 anos de idade. Como havia rações adicionais disponíveis, as crianças com uma única pessoa responsável foram adicionadas a partir da mais nova para a mais velha.

As equipes diocesanas trabalharam com a equipe provincial em SUDRA para preparar este relatório.

Estudo de Caso nº 2:

A Igreja Acompanha sua Gente Durante os Conflitos Armados em El Salvador

Diocese Episcopal Anglicana de El Salvador



El Salvador foi envolvido em uma guerra civil de fato de 1980 a 1992 entre o governo, as Forças Armadas de El Salvador e as forças rebeldes da Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN). Durante este longo período de 12 anos, estima-se que 75 mil pessoas fossem consideradas mortas ou desaparecidas. O conflito armado terminou depois de um processo de diálogo entre as partes, com a assinatura dos acordos de paz em 16 de janeiro de 1992 entre o governo de El Salvador e a FMLN no Castelo de Chapultepec, no México.

A causa raiz da guerra foi, principalmente, a desigualdade social. Durante a década de 1970, El Salvador foi tomado pela apatia popular. A falta de liberdade e a brecha crescente entre ricos e pobres (10% da população possuía 80% da riqueza do país) contribuíram para as tensões gerais. O sentimento predominante era de que as pessoas não tinham presente ou futuro – eu compartilhava desse sentimento.

Apesar de que toda a população sentia que não tinha voz e que estava desamparada e marginalizada, as Igrejas históricas da nação uniram-se com uma voz coletiva. Este foi também o papel da nossa Igreja Episcopal de El Salvador – permanecemos solidários com o sofrimento do povo.

As igrejas Luterana, Católica Romana, Batista Evangélica Emanuel e Episcopais uniram-se sob o nome Diakonia para unir forças e serem testemunhos da Boa Nova de Jesus para um povo sem esperança. Formamos um movimento social.

Durante os 12 anos de conflito, Diakonia reuniu-se em segredo na agora famosa Sala Verde, em San Juan Evangelista, uma igreja Episcopal. Eram realizadas reuniões semanais para discutir possíveis locais de protesto e iniciativas de advocacia junto a governos internacionais, assim como para traçar estratégias sobre a melhor forma de comunicar as realidades enfrentadas pela população em geral, em El Salvador. Visitamos também líderes de governo dos EUA, Canadá, Austrália e vários países da Europa.

Diakonia dedicou-se, também, à distribuição de ajuda. A partir de 1987, alguns refugiados salvadorenos começaram a voltar para casa sob a proteção da Agência de Refugiados das Nações Unidas (ACNUR). Naturalmente, Diakonia também buscou recursos econômicos para ajudar milhares de famílias que haviam perdido seus maridos ou filhos – os principais assalariados – no conflito.

Apesar dos desafios, não desistimos da nossa missão. Diakonia manteve a capacidade de se reunir em instalações de igrejas para planejar as melhores formas de distribuir alimentos, roupas e outros itens de ajuda humanitária a milhares de famílias. Esta presença e testemunho da Igreja atraíram a atenção da Polícia Nacional, que suspeitava que o auxílio fosse para as guerrilhas. Como muitos daqueles que servíamos eram filiados com os rebeldes, o governo injustamente nos rotulou de Diakonia Frente (FMLN).

Essa suspeita por parte das forças armadas resultou na prisão dos meus colegas e de mim mesmo. Sem julgamento, fomos transferidos para uma prisão da polícia secreta, onde fui interrogado por vários dias, até ser transferido para a Prisão nacional Mariona como prisioneiro político. Isso foi em 17 de novembro de 1988, poucos dias após o assassinato dos jesuítas da Universidad Centroamericana (UCA).

Graças à intervenção da Igreja Episcopal e dos governos da Espanha, México e Reino Unido, todos nós fomos liberados em 6 de janeiro de 1990.

O Rev. Luis Serrano

Estudio de Caso nº 3:

A Igreja Trabalhando em um Desastre Causado Pelo ser Humano

Diocese de Colombo, Igreja de Ceilão



Como é que atua a Igreja quando se vê no meio de um conflito armado entre o Estado e um grupo rebelde?

O longo conflito armado em curso entre o grupo militante tâmil LTTE e o estado do Sri Lanka chegou a um final sangrento no norte do país, em 2009. Durante os estágios finais da guerra, quase 300 mil pessoas, praticamente toda a população de dois distritos do Norte, foram expulsas de suas casas e alojadas em um complexo temporário para PDI (Pessoas Deslocadas Internamente) de fevereiro a dezembro de 2009.

A Diocese Anglicana de Colombo, que tinha uma forte presença no Norte, desempenhou o papel de uma “curadora de” durante este período extremamente estressante. Alguns clérigos, que também foram pessoalmente afetados pelo conflito, continuaram a ministrar, cuidando das necessidades espirituais, de segurança e físicas das PDIs. Os moradores locais, incluindo congregações inteiras de nossas igrejas na região, ficaram entre o Exército avançando e o grupo militante em retirada. Finalmente, escaparam das áreas de combate, mas ficaram presos por cerca de um ano dentro do campo de deslocados, com liberdade de circulação muito limitada e acesso restrito a apoio externo, incluindo o clero.

Esta situação levou a um dos maiores esforços de socorro e reabilitação já empreendidos pela diocese – superado apenas pela resposta ao tsunami do Oceano Índico de 2004-05. No entanto, neste caso, houve a complicação adicional da situação de pós-guerra, com as dificuldades de viajar, acessar as áreas afetadas pela guerra e entrar em contato com os desabrigados.

Inicialmente, a Igreja, trabalhando sozinha ou em rede com outras igrejas ou ONGs, forneceu ajuda de emergência, de acordo com o que a situação permitia, sob a forma de suprimentos médicos, roupas, roupas de cama, itens de alimentação suplementares e doações em dinheiro, bem como realizando visitas de solidariedade aos hospitais e campos de desabrigados.

O envolvimento da Igreja foi crescendo com o tempo, com a abertura de um centro de coordenação de ajuda perto da aldeia de PDIs, chamado de “Comunidade de Observadores”, que se tornou o ponto focal para os trabalhadores voluntários que viajavam de outras partes do país, um lugar de encontro para discussões e reflexões e um lugar de culto para os deslocados.

A diocese continuou acompanhando as pessoas conforme elas gradualmente voltavam para seus locais de residência devastados pela guerra, fornecendo abrigos temporários, ajuda de sustento e apoio educacional para crianças.

Para aqueles que estiveram envolvidos nesse trabalho, foi uma experiência de humildade e enriquecimento ver a capacidade de resistência, solidariedade e profunda fé dessas pessoas no meio de seu sofrimento. À medida que o processo de reassentamento avançava, foi, sem dúvida, uma alegria testemunhar a terra brotar de volta à vida a partir das cinzas da guerra e ver as pessoas começarem a olhar com esperança para um futuro melhor para elas e para seus filhos.

Referências

- Abarquez I and Murshed Z (2004). *Field Practitioner's Handbook*, Asian Disaster Preparedness Center.
- Anderson M (1999). *Do No Harm: How Aid Can Support Peace or War*, Lynne Rienner Publishing.
- Asia Pacific Team (2012). *Disaster Risk Reduction Toolkit*, World Vision International.
- Bainbridge D, Macpherson S and Marshall M (2007). *Good Practice Guide to Gender Sensitivity*, Tearfund.
- Blackman R and Carter I (2010). *ROOTS 13: Environmental Sustainability*, Tearfund.
- Berry K (2010). *Safety with Dignity*, ActionAid.
- Care International (2010). *Emergency Toolkit*.
- Carter I (2004). *Mobilizing the church: A PILLARS Guide*, Tearfund.
- Carter I (2003). *Mobilizing the community: A PILLARS Guide*, Tearfund.
- Carter I (2002). *Preparing for disaster: A PILLARS Guide*, Tearfund.
- Curtis D (2001). *Politics of Humanitarian Aid: Debates, Dilemmas and Dissension*, Overseas Development Institute.
- Dulhunty A (2008). *The Protection Toolkit*, Australian NGO Mainstreaming Protection Project.
- Inter-Agency Standing Committee (2007). *IASC Guidelines on Mental Health and Psychosocial Support in Emergency Settings*, IASC.
- Inter-Agency Standing Committee (2006). *Women, Girls, Boys and Men: Different Needs – Equal Opportunities*, IASC.
- Hansford, B (2006). *Disasters and the Local Church*, Tearfund.
- Heijmans A and Victoria L (2001). *Citizenry-Based & Development-Oriented Disaster Response*, CDP.
- Terry F (2002). *Condemned to Repeat/ The Paradox of Humanitarian Action*, Cornell University.
- The Sphere Project (2011). *The Sphere Handbook*.
- Training Course Materials (2005). *Community Based Disaster Risk Management*, ADPC.
- Turnbull M, Sterrett C and Hilleboe A (2013). *Toward Resilience*, ECB Project.
- Twigg J (2010). *Characteristics of a disaster-resilient community*, Eldis.
- Venton P and Hansford R (2006). *ROOTS 9: Reducing risk of disaster in our communities*, Tearfund.
- Venton P and La Trobe S (2008). *Linking climate change adaptation and disaster risk reduction*, Tearfund.
- United Nations International Strategy for Disaster Reduction (2009). *Terminology on disaster risk reduction*.
- United Nations International Strategy for Disaster Reduction (2012). *Towards a Post-2015 Framework for Disaster Risk Reduction*.
- United Nations Development Program (2004). *Reducing Disaster Risk, A Challenge for Development*.
- US Disaster Program (2011). *Preparedness Planning Guide*, Episcopal Relief & Development.
- Wisner B, Blaikie P, Cannon T and Davis I (2003). *At Risk: natural hazards, people's vulnerabilities and disasters*, Routledge.

Manuais de ferramentas com recursos adicionais

- *Protection: Training Guide and Toolkit*, Australian NGO Mainstreaming Protection Project.
- *Women, Girls, Boys and Men: Different Needs – Equal Opportunities*, IASC.
- *Disasters and the Local Church*, Tearfund.
- *Reducing Risk of Disaster in our Communities*, Tearfund

Episcopal Relief & Development
815 Second Avenue, New York, NY 10017
855.312.HEAL (4325) episcopalrelief.org
info@episcopalrelief.org



EpiscopalRelief